



ALINE LIMA DA SILVEIRA LAGE  
ELIANE TELLES DE BRUIM VIEIRA  
JOSÉ RAIMUNDO RODRIGUES  
LUCYENNE MATOS DA COSTA VIEIRA-MACHADO  
(ORGANIZADORES)

Mosaico  
da história da  
educação de  
surdos no Brasil:  
REGIÃO SUL



COLEÇÃO REEXISTÊNCIAS HISTÓRICAS



EDITORA  
SCHREIBEN

ALINE LIMA DA SILVEIRA LAGE  
ELIANE TELLES DE BRUIM VIEIRA  
JOSÉ RAIMUNDO RODRIGUES  
LUCYENNE MATOS DA COSTA VIEIRA-MACHADO  
(ORGANIZADORES)

# Mosaico da história da educação de surdos no Brasil:



REGIÃO SUL

COLEÇÃO REEXISTÊNCIAS HISTÓRICAS



EDITORA  
SCHREIBEN

2025

© Dos Organizadores - 2025

Editoração e capa: Schreiben

Imagem da capa: thuynhungle99 - Freepik.com | jbniazi14 - Freepik.com

Revisão: os autores

Livro publicado em: 26/02/2025      Termo de publicação: TP0122025

**Conselho Editorial (Editora Schreiben):**

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)

Dr. Airton Spies (EPAGRI)

Dra. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)

Dr. Cleber Duarte Coelho (UFSC)

Dr. Daniel Marcelo Loponte (CONICET – Argentina)

Dr. Deivid Alex dos Santos (UEL)

Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)

Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR - Uruguai)

Dr. Fábio Antônio Gabriel (SEED/PR)

Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes (UENP)

Dra. Ivânia Campigotto Aquino (UPF)

Dr. João Carlos Tedesco (UPF)

Dr. Joel Cardoso da Silva (UFPA)

Dr. José Antonio Ribeiro de Moura (FEEVALE)

Dr. Klebson Souza Santos (UEFS)

Dr. Leandro Hahn (UNIARP)

Dr. Leandro Mayer (SED-SC)

Dra. Marcela Mary José da Silva (UFRB)

Dra. Marciane Kessler (URI)

Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)

Dra. Natércia de Andrade Lopes Neta (UNEAL)

Dr. Odair Neitzel (UFFS)

Dr. Wanilton Dudek (UNESPAR)

*Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência das tabelas, quadros, mapas e fotografias é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).*

Editora Schreiben

Linha Cordilheira - SC-163

89896-000 Itapiranga/SC

Tel: (49) 3678 7254

editoraschreiben@gmail.com

www.editoraschreiben.com

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

M894 Mosaico da história da educação de surdos no Brasil : Região Sul. Coleção: Reexistências históricas / Organizadores: Aline Lima da Silveira Lage...[et al.]. --Itapiranga : Schreiben, 2025.

82 p. : il. ; e-book

Inclui bibliografia e índice remissivo

E-book no formato PDF.

ISBN: 978-65-5440-387-0

DOI: 10.29327/5501854

1. Educação de surdos – Brasil – Região Sul. 2. História da educação de surdos. 3. Linguagem de sinais – Brasil. I. Lage, Aline Lima da Silveira. II. Vieira, Eliane Telles de Bruim. III. Rodrigues, José Raimundo. IV. Vieira-Machado, Lucyenne Matos da Costa. V. Título

CDD 371.912

Bibliotecária responsável Juliane Steffen CRB14/1736

*Aos surdos e surdas do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul!  
Pela memória das lutas, das conquistas e pelo que ainda há por se fazer!*



*Gratidão para com todos os surdos e surdas,  
seus familiares e educadores,  
que nos deixaram vestígios de uma história que precisa  
e merece ser contada.*



# SUMÁRIO

---

APRESENTAÇÃO.....	9
<i>Aline Lima da Silveira Lage</i>	
<i>Eliane Telles de Bruim Vieira</i>	
<i>José Raimundo Rodrigues</i>	
<i>Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado</i>	
PREFÁCIO.....	15
<i>Gisele Maciel Monteiro Rangel</i>	
SINAIS NOS TEMPOS: VESTÍGIOS HISTÓRICOS DA PRESENÇA DE ESTUDANTES SURDOS PARANAENSES NO INES DURANTE O SÉCULO XIX.....	17
<i>Danilo da Silva Knapik</i>	
<i>Sergio Ferreira</i>	
ASSOCIAÇÕES DE SURDOS EM SANTA CATARINA, ONTEM E HOJE: MEMÓRIA E PERTENCIMENTO.....	37
<i>Deonísio Schmitt</i>	
<i>Fabiola Sucupira Ferreira Sell</i>	
TRAMAS HISTÓRICAS DA EDUCAÇÃO DE SURDOS NO RIO GRANDE DO SUL.....	55
<i>Ana Paula Gomes Lara</i>	
<i>Daiana San Martins Goulart</i>	
<i>Juliana de Oliveira Pokorski</i>	
<i>Luciane Bresciani Lopes</i>	
<i>Pedro Henrique Witches</i>	
POSFÁCIO.....	77
<i>Ronice Müller de Quadros</i>	
ÍNDICE REMISSIVO E ONOMÁSTICO.....	79





# APRESENTAÇÃO

---

## **DIANTE DOS MUITOS *BRASIS*, SOMENTE UM MOSAICO PARA SE APROXIMAR DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS**

Nos últimos anos fomos tomados por um desejo apaixonante de falar sobre o passado. Prova disso são nossos trabalhos acadêmicos e nossas publicações. Impulsionados pela certeza duvidosa de que o passado tem sempre mais a nos dizer do que conseguimos imaginar, temos nos devotado a mexer com textos que nos vêm de longe, até do século XIX, de outros países como França, Itália, EUA, Suécia, Inglaterra. Nessas folhas secas do passado nos deleitamos quais crianças no farfalhar de folhas e, pouco a pouco, as percebemos úmidas. Como se abaixo de nós abrisse um grande buraco tamanha a quantidade de materiais que não são conhecidos pelo público brasileiro. Isso também nos guiou para as trilhas da tradução.

Enquanto gente que tem o dom de sempre fazer mais e mais perguntas, num determinado momento fomos tomados pela indagação: “E a história da educação dos surdos no Brasil?”. Essa pergunta se desdobrava em tantas outras e, assim, surgiu a ideia de organizar um livro que provocasse um retorno às fontes de nossa história. Recordávamos que, facilmente, uma determinada versão parece se tornar um dogma inquestionável. Não raro, ao se falar da história da educação de surdos no Brasil olhamos apenas para um instituto e para algumas pessoas. Mas, haveria outros espaços de educação formal para os surdos? Que outras vidas anônimas poderiam nos inspirar em novas nuances da história da educação de surdos no Brasil?

A partir de nossos contatos e contatos de contatos fomos acionando uma rede de pesquisadores que se interessaram pela proposta. Nascia, então, o delineamento de um mosaico. Impossível seria pensar essa história da educação dos surdos no Brasil como algo homogêneo, por isso

a ideia do mosaico, onde cada peça, desde seu lugar, vai nos ajudando a compreender a complexidade daquele passado.

Deixar-se questionar pelo presente faz-nos, portanto, descer aos porões do passado para contemplar riquezas e potencialidades, por vezes, esquecidas. Determinadas narrativas historiográficas tendem a invisibilizar pessoas fundamentais em determinados momentos ou apagar vestígios em função de uma verdade necessária em um tempo. Ao considerarmos a educação de surdos no contexto brasileiro, desejamos pluralizar a história como acontecimento no sentido que nos dá Foucault, afinal o filósofo afirma que “o fato de eu considerar o discurso como uma série de acontecimentos nos coloca automaticamente na dimensão da história [...]” (Revel, 2011, p. 62).

Ainda na esteira do autor, entendemos a história como uma irrupção de singularidades, uma ruptura acontecimental, onde não há (im/des) possibilidades de reconstituição do passado mas sim, olharmos descontinuamente, procurando trazer para o centro da reflexão eventos, pessoas/biografias, associações, esportes, artes, fotografias, entrevistas, iniciativas, mobilizações, conflitos, igrejas, formações, escolas privadas e públicas, currículos, históricos escolares, práticas que tornaram possível dentro de um determinado contexto assegurar um direito a uma minoria linguística.

O que seria um livro se transformou em uma coleção. Neste primeiro volume apresentamos textos da Região Sul. Danilo da Silva Knapik e Sérgio Ferreira, no capítulo *Sinais nos tempos: vestígios históricos da presença de estudantes surdos paranaenses no INES durante o século XIX*, analisa que entre 1856 e 1873, 63 estudantes surdos ingressaram no Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, fundado por Edouard Huet (1825-1882). Atualmente, esse instituto é uma referência para a comunidade surda brasileira. Na época era o único estabelecimento para surdos do Brasil, que recebeu muitos estudantes de todo o país, incluindo três estudantes do Paraná. Os autores apresentam os aspectos biográficos e genealógicos dos primeiros estudantes paranaenses que estudaram na primeira instituição de surdos no Brasil. Os dados foram obtidos por meio de uma pesquisa

nos acervos da Biblioteca Nacional, do Arquivo Nacional, do Instituto de Educação dos Surdos, do Family Search, entre outros. Dessa forma, conhecemos a trajetória familiar dos primeiros alunos surdos do Paraná e compreendemos os processos educacionais e profissionais.

Em *Associações de Surdos em Santa Catarina, ontem e hoje: memória e pertencimento*, Deonísio Schmitt e Fabíola Sucupira Ferreira Sell traçam um panorama das Associações de Surdos de Santa Catarina. Para tanto, partem de pesquisa bibliográfica, com o objetivo de resgatar a origem e a história das primeiras associações de surdos do Estado com base em Schmitt (2008, 2013). Busca-se, ainda, identificar o papel das associações de surdos na perspectiva das comunidades surdas catarinenses, com ênfase na memória e no pertencimento gerados em seus associados. Como procedimentos metodológicos, foi aplicado um questionário online com 10 perguntas a integrantes de comunidades surdas catarinenses. Tal instrumento é formado por 5 perguntas diagnósticas e 5 perguntas com o objetivo de coletar informações a respeito do significado da participação dos informantes em Associações de Surdos em Santa Catarina. Como resultados, dos 27 respondentes, pode-se observar que a maioria são surdos já participou ou participa de Associações de Surdos. Dentre os motivos, pode-se elencar a questão da identidade surda, das lutas por direitos e a participação em esportes. Quanto às dificuldades enfrentadas, destacam-se: falta de locais apropriados com auxílio do setor público, falta de tempo devido aos horários de trabalho e avanço nas tecnologias de comunicação que acaba por esvaziar espaços presenciais de encontro surdo-surdo. Como conclusões, evidenciou-se a necessidade da manutenção dos espaços das associações de surdos, especialmente pelo poder público, a fim de oportunizar as trocas de experiências entre surdos mais jovens e surdos mais antigos, assegurando, assim, o contato com a memória e o pertencimento do povo surdo catarinense por meio da Língua Brasileira de Sinais.

Ana Paula Gomes Lara, Daiana San Marins Goulart, Juliana de Oliveira Pokorski, Luciane Bresciani Lopes e Pedro Henrique Witsch, em *Tramas históricas da educação de surdos no Rio Grande do Sul*, propõem que a história gaúcha da educação de surdos é permeada por movimentos

de resistência de espaços educacionais de surdos, pela luta em defesa da manutenção de uma comunidade linguística e pela produção acadêmico-científica sobre pessoas surdas. Nesse capítulo, objetiva-se contextualizar aspectos históricos da educação de surdos no estado do Rio Grande do Sul. Para isso, com base em autores dos estudos surdos em educação, desenvolve-se uma discussão a partir de relatos fornecidos por escolas de surdos e de dados gerados em pesquisas desenvolvidas pelo Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos (Gipes). No percurso dessa história, evidencia-se a emergência das escolas especiais para surdos no estado e sua transformação para o desenvolvimento de práticas educacionais bilíngues; o investimento na formação de educadores de surdos, de pesquisadores desse campo e de intérpretes de língua de sinais; as manifestações protagonizadas por surdos em prol do reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) pelo Governo do estado e em defesa de instituições que proporcionam a manutenção de uma forma de vida surda marcada por uma identidade linguística sinalizante e pela pedagogia surda. Por fim, argumenta-se que a história gaúcha da educação de surdos permite destacar elementos do protagonismo surdo em ações no campo da militância em consonância com movimentos semelhantes no território nacional.

Num país de dimensão continental foram muitas as experiências vividas e não podem ser suprimidas em função de narrativas centradas apenas em uma região ou em uma instituição. Não se trata de uma história única nem de uma mesma história, são histórias com elementos e circunstâncias que se confluem, atravessam, mesclam, irrompem, dialogam, mas também se distinguem. Como num mosaico, a diversidade de nosso Brasil sugere movimentos que testemunham o quanto os surdos lutaram para conquistar um espaço na sociedade e o fizeram também tendo como perspectiva adquirir um conhecimento formal pelo acesso à escola.

Os três textos são aberturas para o passado a convidar outros pesquisadores para aprofundar velhas e novas questões. Os autores não pensam ter esgotado as histórias estaduais; ao contrário, sabem que ali há muito a ser conhecido, problematizado, investigado, compartilhado. Há muito a ser gerado para que, no futuro, essas histórias, hoje registradas, auxiliem

outros a valorizar as primeiras lutas, os primeiros surdos, as primeiras escolas, os primeiros estudantes surdos, as primeiras associações. Que isso aconteça!

*Aline Lima da Silveira Lage<sup>1</sup>*

*Eliane Telles de Bruim Vieira<sup>2</sup>*

*José Raimundo Rodrigues<sup>3</sup>*

*Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado<sup>4</sup>*

(Organizadores)

- 
- 1 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora do Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), lecionando no Curso de Graduação em Pedagogia e no Mestrado Profissional em Educação Bilingue do Programa de Pós-Graduação em Educação Bilingue (PPGEB). Integra o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Singularidades Surdas (GEPSS-UFRJ) e coordena, com o Prof. Dr. Maurício Rocha Cruz, o Grupo de Pesquisa Formação de Professores (de) Surdos (GPFPS-INES). E-mail: alinelimaines@gmail.com.
  - 2 Licenciada em História pela UFES; mestrado em Educação pelo PPGE-UFES; doutorado em Educação pelo PPGE-UFES na Linha de Pesquisa Educação Especial e Processos Inclusivos. E-mail: ebruim@yahoo.com.br.
  - 3 Doutor e Mestre em Teologia (FAJE-BH), Doutor e Mestre em Educação (Ufes), licenciado em Filosofia (PUC-MG) e Pedagogia (FABRA). Coordenador de Turno da Prefeitura Municipal de Vitória. Integrante do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Libras e Educação de Surdos (Giples). E-mail: educandor@gmail.com.
  - 4 Mestra e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo, pós-doutorado pela Universidade Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), graduada em Pedagogia pela UFES, Professora Associada II do Curso de Letras-Libras, professora dos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UFES) e Linguística (PPGEL-UFES). E-mail: lumatosvieiramachado@gmail.com.



# PREFÁCIO

---

## **CELEBRAR A LUTA E A RESILIÊNCIA DOS MOVIMENTOS SURDOS PARA INSPIRAR NOVAS GERAÇÕES**

É com grande honra e satisfação que aceitei o convite para escrever este prefácio, especialmente por reconhecer afinidades entre nossas pesquisas sobre as articulações na história da educação de surdos no Rio Grande do Sul. Minha trajetória enquanto aluna de uma escola de surdos foi um marco significativo, que mais tarde se ampliou com minha atuação como professora de Geografia, História e Língua Brasileira de Sinais (Libras) por quase 15 anos, em diversas escolas voltadas à educação de surdos, tanto na capital, Porto Alegre, quanto na região metropolitana.

Durante minha formação acadêmica, no mestrado e no doutorado, dediquei-me a investigar a área da educação com foco nas lutas e reivindicações dos movimentos surdos. A leitura de seus capítulos despertou em mim profunda admiração, pois vão além da análise das escolas de surdos, explorando também a relevância do envolvimento constante com a comunidade surda. Essa conexão, que ocorre por meio de associações e instituições como a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), reforça a importância de valorizar e fortalecer a Libras, elemento central de nossa identidade coletiva.

Essas contribuições são fundamentais não apenas para subsidiar a elaboração de currículos voltados aos estudos surdos, mas também para promover maior visibilidade à comunidade surda em diversas esferas sociais e educacionais. É inegável que associações, comunidades e escolas de surdos estão profundamente interligadas, formando uma rede indispensável para o fortalecimento e a valorização da cultura surda.

Nesse contexto, destaca-se o papel do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) como instituição pioneira e referência no Brasil. Ao oferecer um espaço de convivência bilíngue e inclusivo, que



se constituiu como espaço base para convivência da língua de sinais, o INES possibilitou que muitos de seus alunos se tornassem líderes em suas comunidades. Esses indivíduos, ao concluir seus estudos, disseminaram conhecimentos, fundaram escolas e associações e desempenharam papéis cruciais na promoção da cultura e na luta pelos direitos dos surdos.

Entre tantas histórias inspiradoras, lembro-me da trajetória de um ex-aluno que fundou a Associação de Surdos de Florianópolis, de outra cuja mãe foi pioneira na criação da escola de surdos de Curitiba, e do líder surdo de Santa Catarina que, após visitar Porto Alegre e ser inspirado por outros líderes, contribuiu para a fundação da Associação de Surdos de Porto Alegre. Esses relatos evidenciam a riqueza das experiências vividas na Região Sul, onde a cultura surda encontra terreno fértil para florescer.

A língua de sinais, nossa Libras, permanece como símbolo de resistência e unidade, um elemento inabalável da identidade surda. Que este prefácio e os textos que se seguem sejam uma celebração da luta e da resiliência dos movimentos surdos e que continuem a inspirar gerações em sua busca por reconhecimento e valorização.

O Instituto Nacional de Educação de Surdos, a FENEIS e as associações de surdos são exemplos de verdadeiro heroísmo surdo. Esse conceito se refere às pessoas e instituições que lutaram para dar visibilidade à língua de sinais e que são profundamente identificadas com a comunidade surda.

Viva o heroísmo surdo do Sul!!!!  
Abraços sinalizados

*Gisele Maciel Monteiro Rangel<sup>5</sup>*

---

5 Licenciada em Geografia pela Universidade Luterana do Brasil (2001), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutorado em Educação pela Universidade Federal de Pelotas, professora titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. E-mail: gisele.rangel@alvorada.ifrs.edu.br.

# SINAIS NOS TEMPOS: VESTÍGIOS HISTÓRICOS DA PRESENÇA DE ESTUDANTES SURDOS PARANAENSES NO INES DURANTE O SÉCULO XIX

*Danilo da Silva Knapik<sup>6</sup>*

*Sergio Ferreira<sup>7</sup>*

## **Introdução**

Atualmente, se realizarmos uma rápida busca em alguma plataforma on-line de pesquisa de trabalhos acadêmicos com os seguintes descritores “história da educação de surdos no Brasil”, não será raro nos depararmos com inúmeras produções acadêmicas que abordam sobre o tema. Para quem se interessa em pesquisar no âmbito científico sobre o assunto, essas ferramentas tecnológicas podem ampliar exponencialmente as possibilidades de entrar em contato com aquilo que se procura.

No entanto, importante registrar que essa expansão também se aplica a responsabilidade acadêmica do pesquisador ou da pesquisadora, especialmente se levar em consideração que esses registros ajudam a construir diversas narrativas da história da educação de surdos, por isso é prudente não esquecer que nelas operam “inúmeros apagamentos, comprometendo a percepção das interações do campo da educação de surdos com o da educação geral” (Rocha, 2009, p. 14).

Ainda no tocante sobre a história da educação de surdos, infelizmente pouco sabemos acerca da educação de surdos de alguns lugares do nosso território nacional, principalmente quando se decide voltar mais no tempo.

---

6 Doutor e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Docente do Curso de Licenciatura em Letras Libras, do setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: dansknapik@gmail.com.

7 Doutor e Mestre em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Docente do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, do Centro de Artes e Museologia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). E-mail: sergio.ferreira@unespar.edu.br.

Nesse sentido, este trabalho se propõe a apresentar os aspectos biográficos e genealógicos dos primeiros estudantes nascidos no Paraná e que frequentaram a primeira instituição dedicada à educação de surdos no Brasil do século XIX, a saber: Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES<sup>8</sup>, como atualmente é conhecido. Com isso pretendemos convidá-los/las, especialmente toda comunidade surda paranaense e brasileira a conhecer mais sobre a história da educação de surdos do Paraná e com isso ampliar e fortalecer a memória histórica do povo surdo paranaense, bem como contribuir com a multiplicidade da história da educação de surdos em nosso país.

Como este trabalho parte das nossas leituras acadêmicas sobre história da educação de surdos, assim como das nossas experiências construídas ao longo da nossa trajetória docente no campo dos Estudos Surdos, principalmente do encontro com documentos históricos que tratam sobre estudantes surdos paranaenses do século XIX, escolhemos nos debruçar sobre assunto para responder às seguintes perguntas de pesquisa: (1) Será que existiram estudantes surdos paranaenses que estudaram no INES do século XIX, entre 1856 a 1873?<sup>9</sup> e (2) Se sim, quem eram e o que sabemos sobre tais estudantes?

No propósito de encontrar resposta para as perguntas acima, o texto será organizado da seguinte forma: inicialmente será apresentada de forma breve a educação de surdos no século XIX em âmbito brasileiro. Em seguida compartilharemos sobre a metodologia de pesquisa, especialmente sobre a geração de dados, e que na sequência serão expostos para apreciação.

Por fim, traçaremos as considerações finais a respeito deste trabalho, assim como, suas contribuições para a história da educação de surdos e sugestões para a comunidade científica com relação a trabalhos futuros.

---

8 Segundo Rocha (2009) o Instituto teve diversos nomes ao longo do tempo: Collégio Nacional para Surdos-Mudos de Ambos os Sexos (1856 a 1857); Instituto Imperial para Surdos-Mudos de Ambos os Sexos (1857 a 1858); Imperial Instituto dos Surdos-Mudos de Ambos os Sexos (1858 a 1874); Instituto dos Surdos-Mudos (1874 a 1890); Instituto Nacional de Surdos-Mudos (1890 a 1957); e Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), desde 1957 até os dias atuais. Como no século XIX a instituição teve pelo menos 5 nomes, neste momento utilizaremos o mais atual.

9 Este período escolhido justifica-se pelo fato de que até 1873 a instituição oferecia educação para meninas e meninos surdos, algo que mudou depois desse ano, pois segundo Rocha (2018) o diretor Tobias Leite defendeu a ideia de que as meninas surdas a partir deste ano recebessem instrução em suas residências.

## **A educação de surdos brasileiros no século XIX: o que sabemos sobre alguns dos primeiros estudantes do Instituto Nacional de Educação de Surdos?**

Ao longo da trajetória da educação brasileira, a história da educação dos surdos e surdas de nosso país tem sido objeto de interesse de diversos pesquisadores surdos e ouvintes (Rocha, 2009; Netto, 2021; Knapik, 2022; 2023). Acreditamos que, assim como nós, possivelmente tal curiosidade acadêmica procede de suas vivências com a comunidade surda em seus contextos e que na pesquisa histórica encontra um caminho possível para encontrar mais vestígios sobre a educação de surdos.

A educação de surdos em todo o mundo é marcada por numerosos acontecimentos sociais que impactaram direta ou indiretamente a comunidade surda, seja local ou global. Episódios esses que vão desde realização de um congresso internacional, como o que aconteceu em Milão<sup>10</sup>, no ano de 1880 até o mais recente, como a presença da língua de sinais durante a abertura dos jogos olímpicos em Paris, em 2024.

O fato é que esses eventos em alguma medida ajudaram/ajudam a construir diversas narrativas não apenas sobre a educação de surdos e surdas em diferentes contextos, mas também acerca da comunidade surda em geral. Haja vista que, quando alguém entra em contato com alguma informação relacionada ao povo surdo, imediatamente como um sujeito de linguagem, sua responsividade é ativada procurando assim dar resposta a partir de suas posições valorativas (Faraco, 2005).

Ainda nesse contexto das narrativas que informam acerca da história da educação de surdos em geral, para a pesquisadora Solange Rocha (2009, p. 89) o campo vem sendo demarcado “em duas idades míticas, a saber: o período antes do Congresso de Milão e o período depois do Congresso de Milão”.

Se em uma perspectiva global o Congresso de Milão é um evento digno de atenção, em relação à educação de surdos brasileiros, qual seria o episódio histórico mais significativo que se tem conhecimento? Nosso palpite é que foi a criação da primeira instituição educacional de surdos que deu origem ao que hoje conhecemos como INES.

---

<sup>10</sup> Vale dizer que este congresso não foi o único acontecimento de sua época que discutiu sobre a educação de surdos, pois segundo Rodrigues (2018) houve outros eventos similares com a temática da educação de surdos.

Fundado em janeiro de 1856, o antigo Collégio Nacional para Surdos-Mudos de Ambos os Sexos<sup>11</sup>, originado durante o governo de D. Pedro II, “reuniu, pela primeira vez, surdos/as de diferentes localidades do território nacional, que traziam consigo formas de comunicação gestuais oriundas de suas próprias regiões” (Knapik, 2022, p. 29). Em outras palavras, essa instituição de ensino, além de juntar tais estudantes surdos de distintos lugares do Brasil em um só lugar, acreditamos que também os aproximou a uma educação em língua de sinais e assim proporcionou um encontro com a cultura surda. Haja vista que o primeiro diretor do estabelecimento foi Edouard Huet, professor surdo francês e que também se valia de língua de sinais para se comunicar.

Em nossas reflexões ao imaginar a magnitude da importância de uma instituição como essa em solo brasileiro, especialmente em sua época, lembramos de imediato da pintura da artista surda Nancy Rourke<sup>12</sup>, intitulada “deaf colony” (Figura 1) que em tradução livre pode significar “agrupamento surdo” ou ainda “encontro surdo”. Vejamos a imagem abaixo:

**Figura 1:** “Deaf colony” - Pintura de Nancy Rourke



**Fonte:** <https://www.nancyrourke.com/deafcolony.htm>

<sup>11</sup> Segundo Rocha (2009) foi o nome da primeira da instituição quando de sua fundação.

<sup>12</sup> Para saber mais sobre a artista, sugerimos a leitura da tese de Gabriela Viera Neves, intitulada “Corpos surdos na arte De’VIA: resistências políticas das imagens”. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/items/0ef0402a-cd96-44bd-8086-7cf315412c4>.

De acordo com a artista surda estadunidense, sua pintura acima, está ligada ao fato da comunidade surda, bem como das pessoas surdas precisarem de luz para (entre)ver e assim poderem reunir-se, socializar-se e agrupar-se.

Ao observar com mais atenção esta pintura, convidamos você a prestar atenção no centro da imagem que irradia a luz. No que toca esse ponto da obra, entendemos que a mão retratada simboliza a língua de sinais e que ao se abrir além de irradiar luz, apresenta um olho que pode ser entendido como o contato visual com quem vem ao seu encontro como uma espécie de convite a uma reunião.

Ao apresentar essa pintura a você, de forma metafórica compartilhamos como imaginamos o que a primeira instituição de ensino de surdos foi, assim como as demais instituições dessa natureza também são. De outra forma, como uma lâmpada surda, a obra de Rourke nos intima a pensar como por meio da língua de sinais a luz do conhecimento é irradiado, ao mesmo tempo que convida o povo surdo ao encontro com sua cultura surda e proporciona assim seu agrupamento nesse espaço.

No que corresponde à representação das mariposas na obra de Rourke, neste trabalho, as relacionamos com os primeiros estudantes surdos e surdas que saíram de diversas partes do Brasil em direção ao INES e que, no século XIX, era talvez o único farol aceso da educação de surdos.

Segundo Knapik (2022) em sua pesquisa de doutorado foi encontrado registros que comprovam a existência de aproximadamente 43 estudantes, entre surdos e surdas, que estudaram entres os períodos de 1856 a 1868. Porém, em trabalho posterior o autor afirma que, sob um olhar estendido até 1873, foi encontrado o registro de 63 estudantes surdos (Knapik, 2024).

Ainda nessa continuidade, Knapik (2022) nos adverte que esses números de estudantes podem ter variado em razão de políticas imperiais que favoreciam a permanência estudantil ou até mesmo por conflitos ligados aos gestores da instituição da época.

No que tange a origem desses estudantes, o autor em sua pesquisa informa que esses estudantes surdos eram provenientes de 13 estados do Brasil e que compreende 4 das 5 regiões brasileiras e com isso afirma que “não há registro de nenhum/a estudante surdo/a deste período proveniente da região Centro-Oeste” (Knapik, 2022, p. 78).

No que corresponde aos estudantes surdos da região sul do Brasil, com base na pesquisa de Knapik (2022; 2023) e associada à investigação de campo realizada pelos autores deste trabalho, identificaram a existência de 3 estudantes surdos paranaenses que estudaram no INES no século XIX. Por acreditarmos nas contribuições para a história da educação de surdos brasileiros, principalmente da história dos surdos do Estado do Paraná, compartilharemos as informações encontradas nos vestígios históricos que tratam sobre esses estudantes.

Nesse caminho, a seguir apresentaremos um pouco do percurso metodológico que trilhamos até o encontro dos vestígios históricos sobre tais estudantes e em seguida, na próxima seção, compartilharemos com vocês sobre nossos achados a partir das informações que correspondem a estes 3 estudantes.

### **Percurso metodológico**

Sejam pelos objetos de estudo escolhidos que invocam metodologias de pesquisas mais específicas ou por variáveis intervenientes como inabilidade dos instrumentos de para geração de dados de um determinado assunto, o fato é que a pesquisa acadêmica é sempre um desafio.

Com relação aos percursos metodológicos para realização desse trabalho não foi diferente. Precisamos (re)ver práticas de pesquisa e investigação em fontes históricas, mas que valeu a pena, pois todo esse processo proporcionou muita aprendizagem.

Nesse sentido, a fim de responder às perguntas de pesquisa apresentadas na introdução deste trabalho, optamos por adotar uma abordagem qualitativa, orientada pela pesquisa documental, com foco na geração de dados empíricos em fontes de natureza documental (Carvalho, 2019).

Já no que toca aos dados, vale informar que para esse estudo, foi elaborado o recorte temporal de 1856 a 1873 e que com esse olhar os dados foram obtidos por meio de uma pesquisa nos acervos digitais e manuscritos como jornais, anais e revistas, disponíveis para consulta na Hemeroteca da Biblioteca Nacional<sup>13</sup>. Também foram consultados outros manuscritos como cartas de correspondência, ofícios, despachos, relatórios do governo,

---

13 <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

todos disponíveis para consulta no Arquivo Nacional<sup>14</sup> e Arquivo Público do Paraná<sup>15</sup>. Já os relatórios e almanaques no acervo histórico do Instituto de Educação dos Surdos<sup>16</sup>; certidões de batismo, nascimento, matrimônio, óbitos, lista de imigrantes do acervo Family Search<sup>17</sup>, entre outros.

Em referência à disposição dos dados, neste trabalho as informações encontradas foram organizadas de acordo com a ordem de chegada dos estudantes surdos paranaenses no INES, sendo: 1) João Pereira de Malheiros, 2) José Pereira de Malheiros, e 3) Arthur de Loyola Pinho. Os dois primeiros são irmãos e chegaram ao INES em 1868, sendo João Pereira de Malheiros o mais velho. Já o último e não menos importante estudante, chegou no INES em 1872.

Dessa forma se espera conhecer um pouco da trajetória familiar dos primeiros estudantes surdos matriculados no INES e nascidos no Paraná, bem como aprender mais sobre os processos educacionais da comunidade surda paranaense de outro tempo.

A seguir convidamos você leitor/leitora a apreciar e conhecer mais sobre esses estudantes surdos paranaenses do século XIX.

### **Vestígios históricos de estudantes surdos paranaenses no INES durante o século XIX: Quem eram esses estudantes?**

Segundo Knapik (2023), dentro do período entre 1856 e 1873, foi identificado sessenta e três estudantes surdos de vários estados do Brasil que foram estudar na primeira escola de surdos da história do nosso país, hoje conhecido como INES. Dentre os estudantes surdos desse período e que são provenientes do Paraná, foi encontrado o registro de três estudantes nascidos nessa localidade. Os nomes dos estudantes são: João Pereira de Malheiros, José Pereira de Malheiros e Arthur de Loyola Pinho. Nas seguintes seções apresentamos um pouco sobre a vida de cada estudante.

---

14 <https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br>

15 <https://www.administracao.pr.gov.br/ArquivoPublico>

16 <https://www.gov.br/ines/pt-br/ciencia-e-tecnologia/acervo-historico-1/acervo-historico>

17 <https://www.familysearch.org/pt/>



## Vestígios históricos sobre João Pereira de Malheiros

A imagem que abre essa subseção, trata-se de uma fotografia de João Pereira de Malheiros (Figura 2), surdo paranaense que foi um dos estudantes do INES na década de 60 do século XIX. Esse documento é considerado raro, pois poucos estudantes dessa época possuem fotos disponíveis haja vista que apenas alguns estudantes tinham a honra de serem fotografados quando da ocasião do recebimento de medalhas “por ótimos resultados no exame público” (Knapik, 2022, p. 52), o que seria honraria ao mérito estudantil nesse contexto.

**Figura 2:** Retrato de João Pereira de Malheiros



**Fonte:** Acervo histórico do INES

João Pereira de Malheiros nasceu surdo na cidade de Paranaguá, no Paraná. Irmão mais velho de José Pereira de Malheiros, também surdo e estudante do então Imperial Instituto dos Surdos-Mudos de Ambos os Sexos<sup>18</sup>. Ambos eram filhos de José Pereira de Malheiros, natural de Porto Belo, Santa Catarina, e de Josepha Carneiro dos Santos, natural de Morretes, cidade localizada no litoral do Paraná, casados no dia 23 de

outubro de 1851, na Paróquia de Nossa Senhora do Porto em Morretes<sup>19</sup>. Além de João e José Pereira de Malheiros, seus pais tiveram cinco filhos<sup>20</sup>, sendo apenas esses dois surdos que estudaram no Imperial Instituto.

Ainda sobre sua família, especialmente sobre seus pais, descobrimos que José Pereira de Malheiros, pai de João Pereira de Malheiros, era capitão de Voluntários da Pátria tendo participado da Guerra de Paraguai onde faleceu<sup>21</sup>. João era neto pelo lado paterno de Manoel Antônio Pereira Malheiros, nascido em Paranhos, do Conselho de Amares, do Arcebispado de Braga, Portugal, e que chegou ao Brasil por volta de 1800, onde se casou com Narcisa Maria dos Santos, de São José, Santa Catarina. A família de Narcisa Maria dos Santos é do Desterro (atual Florianópolis), descendentes de açorianos que migraram das Ilhas dos Açores no início do século XVII<sup>22</sup>.

Já sua mãe, Josepha Carneiro dos Santos, era filha de João Antônio dos Santos e Francisca Carneiro dos Santos<sup>23</sup>, naturais de Morretes. Francisca era filha de Maria Angélica Gomes de França, proveniente de Curitiba e que descende de João Rodrigues de França, um dos homens mais ricos e poderosos da capitania no início do século XVII (Negrão, 1928; Oliveira, 2011), conhecida como nobreza da acumulação<sup>24</sup>. Maria Gomes de França era casada com o capitão-mor José Carneiro dos Santos, natural da Freguesia de Carneiro, Arcebispado de Braga, Portugal.

No que corresponde a presença de João Pereira de Malheiros no Imperial Instituto dos Surdos-Mudos de Ambos os Sexos, sabe-se que ele tinha 12 anos de idade e junto de seu irmão de 9 anos chegaram na instituição no dia 20 de julho de 1868<sup>25</sup>. Como eram pensionistas do Estado,

---

19 MOYA, 1957/1958, p.194.

20 *A Reforma: Orgão Democrático*. Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 1871, página 2, edição 287.

21 *Annaes do Parlamento Brasileiro*. Rio de Janeiro: Câmara de Deputados, Sessão de 02 de abril de 1873, página 6.

22 As informações foram extraídas do acervo da *Family Search*.

23 Os antepassados da família da avó materna de João e José Pereira de Malheiros são descritos no livro da *Genealogia Paranaense*, de João Negrão (1928), do volume 3, da página 419, pelo título Rodrigues de França.

24 Quem era muito rico e quem era muito poderoso, no Antigo Regime, passava a se integrar nas estruturas da nobreza da terra (Oliveira, 2011, p. 3).

25 Carta de Tobias Leite, diretor interino ao Conselheiro Paulino José Soares de

alguns detalhes sobre a sua chegada foram encontradas no relatório do diretor<sup>26</sup> que geria o estabelecimento na época, chamado Tobias Leite<sup>27</sup>.

Conforme informações de Leite<sup>28</sup>, sabe-se que o João e seu irmão José chegaram na instituição, apenas com suas roupas do corpo. Em outras palavras, sem roupas extras, o que era incomum para os estudantes da época dado o tempo de permanência. Nesse sentido, o diretor informa que precisou resgatar uma determinada quantidade de roupas dos demais meninos que lá estudavam. Com isso Leite, comenta que entregou aos novos estudantes: seis camisas, seis calças, seis paletós e seis pares de meias<sup>29</sup>.

Em seu relatório<sup>30</sup>, o diretor Tobias Leite disse que João era muito inteligente e estando há apenas seis meses no Instituto, havia alcançado o mesmo grau de instrução de outros estudantes que já estavam 2 a 3 anos na instituição. Além disso, João esteve sempre em primeiro lugar nos exames públicos no período de 1870 a 1873 e também ganhou os livros ilustrados oferecidos pelo imperador Dom Pedro II em 1868<sup>31</sup>. Como vemos no excerto da imagem abaixo (Figura 3):

---

Souza, Ministro e Secretário do Estado dos Negócios do Império, 21 de julho de 1868, 1f. Arquivo Nacional.

26 Relatório de Tobias Leite, diretor do Instituto dos Surdos-Mudos, 1868, 9fls, página 9.

27 De acordo com Rocha (2009) Tobias Leite era médico sanitarista. Ligado ao Imperador D. Pedro II, na transição do período imperial para o republicano, permaneceu na direção do instituto entre o período de 1868 a 1896.

28 Carta de Tobias Leite, diretor interino ao Conselheiro Paulino José Soares de Souza, Ministro e Secretário do Estado dos Negócios do Império, 30 de agosto de 1868, 1f. Arquivo Nacional.

29 Planilha de relação de roupas dos alunos, organizado por Tobias Leite, diretor interino, 23 de agosto de 1868, 1f. Arquivo Nacional.

30 Relatório de Tobias Leite, diretor do Instituto dos Surdos-Mudos, 1868, 9fls, páginas 1 e 2.

31 Relatório de Tobias Leite, diretor do Instituto dos Surdos-Mudos, 1868, 9fls, página 8.

**Figura 3:** Excerto da notícia sobre o aluno João que recebeu medalha de ouro.

**Instituto dos surdos-mudos.** — Efectuaram-se hontem na augusta presença de Sua Magestade o Imperador os exames dos alumnos do 6º anno do Instituto dos Surdos Mudos.

Foram premiados os seguintes alumnos:

1º premio. — Medalha de ouro: o alumno do 6º anno **João Pereira de Malheiros**, da provincia do Paraná, e Francisco Romão, do 2º anno, da provincia de Santa Catharina.

2º premio. — Medalha de prata: o alumno do 1º anno Oscar de Assis, da provincia do Rio Grande do Sul.

3º premio. — Medalha de bronze: o alumno do 3º anno Augusto do Nascimento Natal, da provincia do Rio de Janeiro.

Terminaram sua educação os alumnos: João Pereira de Malheiros, do Paraná, e Manoel Franklin Moreira de Almeida, do Rio Grande do Norte.

Acabada a distribuição dos premio, o alumno João Malheiros, em nome dos professores e dos alumnos do Instituto dos Surdos-Mudos, offereceu ao Sr. Dr. Tobias Leite, director do Instituto, um ramalhete de flores de pennas atado por uma fita, onde lê-se: Gratidão. O Instituto Brasileiro dos Surdos-Mudos, ao Dr. Tobias Rabello Leite.

O Sr. commissario do governo, director, professores e convidados assistiram ao jantar dos alumnos, durante o qual foram levantados diversos brindes, sendo o ultimo pelo Sr. conselheiro Corrêa à Sua Magestade o Imperador, augusto protector do estabelecimento.

**Fonte:** Diário do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1873, p. 2, Edição 327.

A imagem acima corresponde ao *Diário do Rio de Janeiro* publicado em 1873 e nos permite identificar que o Instituto realizou um exame público com a presença do Imperador do Brasil, D. Pedro II. No excerto da imagem podemos verificar que o estudante João Pereira de Malheiros recebeu medalha de ouro como honraria por atingir melhor rendimento escolar que os demais colegas, do então 6º ano.

Nessa continuidade, o excerto nos revela que ao final do exame, João ofereceu um ramalhete de flores de penas atado por uma fita onde está escrito: Gratidão a Tobias Leite. Ainda no mesmo texto é possível verificar que João Pereira de Malheiros concluiu sua educação e que segundo o diretor, João apresentou resultados satisfatórios e progrediu muito nos estudos tendo ótimos resultados em vários conteúdos e disciplinas, tendo sua saída do Instituto no final de 1873<sup>32</sup>.

Até o momento, não foi encontrado nos documentos verificados para este trabalho como foi a vida do João Pereira de Malheiros após saída do Instituto a partir de 1874. Dessa forma, não sabemos se foi trabalhar e onde, se casou, se teve filhos e onde faleceu ainda permanece um mistério.

32 Relatório de Tobias Leite, diretor do Instituto dos Surdos-Mudos, 1873, 9 fls, página 1.

## Vestígios históricos sobre José Pereira de Malheiros

Na subseção anterior, vimos um pouco sobre a chegada dos irmãos de Malheiros no Instituto da época. No entanto, compartilhamos informações sobre João Pereira de Malheiros e não sobre seu irmão mais novo, o que faremos agora.

José Pereira de Malheiros era irmão mais novo de João Pereira de Malheiros e também nascido em Paranaguá, Paraná. As informações sobre a família dele já foram apresentadas na seção anterior deste trabalho. José chegou junto com irmão no Instituto, em julho de 1868, quando tinha 9 anos de idade.

Como um infortúnio nesse trabalho, pouco sabemos sobre ele, mas diferente de seu irmão, não foi encontrado foto de José, acreditamos que isso seja possível, pois ele não faz parte dos estudantes que receberam medalhas e prêmios em razão a ótimos resultados nos exames escolares, conforme os relatórios do diretor, Tobias Leite<sup>33</sup>.

Infelizmente, José Pereira de Malheiros, vítima de peritonite aguda, foi levado a óbito em 48 horas, constatando seu falecimento às 6 horas da tarde do dia 28 de julho de 1873 com apenas 14 anos de idade. Sabe-se que José foi sepultado no dia 29 julho às 5 horas da tarde no cemitério do Rio de Janeiro<sup>34</sup>.

A morte de José Pereira de Malheiros, além de precoce, nos deixa muitas dúvidas sobre as condições de sua saúde naquele momento. Nos documentos analisados não encontramos maiores informações sobre isto, mas no que tange às questões de saúde dos estudantes surdos do instituto nesse período, vale lembrar que segundo Knapik (2022) as condições dos internatos da época, inclusive as deste instituto eram precárias e preocupantes.

---

<sup>33</sup> Relatórios de Tobias Leite, diretor do Instituto dos Surdos-Mudos, no período de 1868 a 1873.

<sup>34</sup> Carta de Tobias Leite, diretor interino, ao Conselheiro João Alfredo Correa de Oliveira, Ministro e Secretário do Estado dos Negócios do Império, 29 de julho de 1873, 1f. Arquivo Nacional.

## Vestígios históricos sobre Arthur de Loyola Pinho

Como informado na subseção anterior, fotografias de estudantes surdos eram muito raras, haja vista que esse privilégio era concedido para poucos e em condições muito especiais. Nesse contexto, assim como João Pereira de Malheiros, Arthur de Loyola Pinho também foi agraciado com sua fotografia (Figura 4) para nossa felicidade, pois nos permite conhecer um pouco mais sobre os traços de um dos três primeiros estudantes surdos do INES no século XIX. Abaixo segue a fotografia para sua apreciação.

**Figura 4:** Retrato de Arthur de Loyola Pinho.



**Fonte:** Acervo histórico do INES

A imagem acima, trata-se de Arthur de Loyola Pinho, nascido em 1860 e batizado na Capela de Pilarzinho da cidade de Curitiba. Registrado em 24 de abril de 1863, aos 2 anos e 9 meses de idade, Arthur tinha irmãos mais novos que também foram batizados no mesmo dia<sup>35</sup>.

Arthur era filho de Ubaldo Theodorico de Pinho, natural de Salvador, Bahia, e Maria Leoniza de Loyola, professora, natural de

<sup>35</sup> Certidão de Batismo de Arthur de Loyola Pinho, 24 de abril de 1863. Paraná, Registros da Igreja Católica 1704-2008. Curitiba, Paróquia Nossa Senhora da Luz, Batismos 1862, Out-1865, Set., Folha 35, nº 199.

Morretes, Paraná. O seu casamento é datado em 22 de outubro de 1859 em Curitiba<sup>36</sup>. Arthur era neto paterno de João Simplicio de Pinho, advogado, natural de Santo Amaro, Bahia, que estudou direito na Universidade de Coimbra, Portugal<sup>37</sup> e sua avó era Joanna Clara de Castro. Já seus avós maternos eram o tenente José Ignácio de Loyola Sobrinho e Maria da Luz Paraíso dos Santos, naturais de Morretes, Paraná.

O relatório de Tobias Leite informou que ele ficou surdo por causa da denteição e que sua chegada no Instituto é datada no dia 21 de outubro de 1872, quando tinha 13 anos de idade<sup>38</sup>. Outra informação encontrada é que Arthur trabalhou em uma oficina de Sapateiro de 1874 a 1877<sup>39</sup>.

Nos relatórios analisados<sup>40</sup>, destacou-se o fato de Arthur ser o único paranaense em sua turma. O nome do Paraná constou até 1877 e não está mais registrado desde 1878. Acreditamos que possivelmente ele tenha saído ao final de 1877, pois estava então com seis anos de estudos concluídos, conforme regulamento do Instituto.

Nesse contexto, sabe-se que Arthur retornou a casa da família em Curitiba. Ele junto com dois irmãos, a saber, Balbina e Aristides foram matriculados na aula de desenho e pintura na Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná<sup>41</sup>, fundada em 1886 pelo professor Antônio Mariano de Lima na cidade de Curitiba, inicialmente com o nome de “Escola de Desenho e Pintura”<sup>42</sup>.

36 Registro de matrimônio de Ubaldo Theodorico de Pinho e Maria Leoniza de Loyola, 22 de outubro de 1859. Paraná, Registros da Igreja Católica 1704-2008. Curitiba, Paróquia Nossa Senhora da Luz, Matrimônios 1854, Ago-1865, Fev., Folha 50, número 120.

37 Constou o nome na lista de alunos da Universidade de Coimbra, referente ao ano 1827, no Arquivo da Universidade de Coimbra.

38 Relatório de Tobias Leite, diretor do Instituto dos Surdos-Mudos, 1873.

39 Documentos analisados disponíveis no Arquivo Nacional.

40 Relatório de Tobias Leite, diretor do Instituto dos Surdos-Mudos, no período de 1872 a 1884.

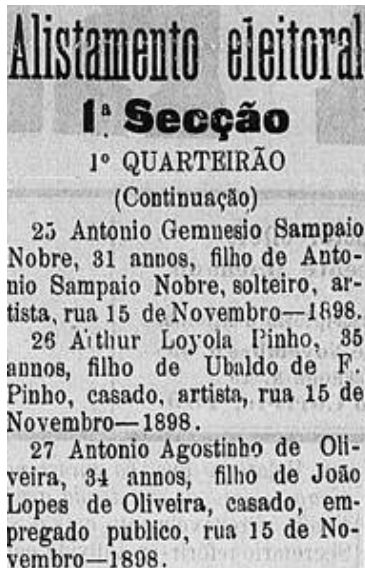
41 Para saber mais sobre a Escola de Belas Artes, sugerimos a leitura da dissertação de mestrado de Luciana Wolff Apolloni Santana. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/2638/lucisantana.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

42 A Arte: Órgão da Escola de Desenho e Pintura (PR). Curitiba, 4 de março de 1888, p. 2. Ano 1, nº 1.



Entre os anos 1884 e 1900, mesmo sendo surdo, o nome de Arthur aparece na lista de pessoas que podem votar, em vários jornais publicados, sendo um deles a edição de *A Republica*: órgão do Partido Republicano (PR), em 1898, que constou número 26. (Figura 5). Outra curiosidade é que no ano de 1898, Arthur foi morador da rua XV de novembro e que fica em um bairro central de Curitiba.

**Figura 5:** Informação mostra que Arthur é uma das pessoas que podem votar à época.



**Fonte:** “A República: órgão do Partido Republicano (PR)”, 5 de março de 1899, p.2, Edição 51.

Outras informações que nos deparamos no estudo para esse trabalho é que Arthur tinha uma irmã mais nova, Elvira de Loyola Pinho, que foi professora em uma escola de surdos em Curitiba. No relatório do governo provincial de Paraná, datado em 1884, consta a informação que Luís Alves Leite de Oliveira Bello (1849-1915), que foi presidente do Paraná no período de 3 de setembro de 1883 a 5 de junho de 1884, fundou uma escola para surdos em Curitiba, capital da Província. Conforme o trecho do relatório: “*Fundei uma escola para surdos mudos, subvencionado uma distinta professora D. Elvira de Loyola Pinho, cabalmente habilitada, tendo*



*aprendido os processos especiais desse ensino com um ex-alumno do Instituto da Corte, seu irmão”* (Bello, 1884, p. 37).

Ainda sobre essa escola de surdos em Curitiba mencionada no parágrafo anterior, o que sabemos é que ela foi aberta no 14 de abril de 1884, estando localizada na Rua do Aquidaban, atual Rua Emiliano Pernetta, no Centro em Curitiba<sup>43</sup>. Naquele momento a escola era categorizada como promíscua<sup>44</sup> e subvencionada pelo governo da província, que funcionou inicialmente com cinco estudantes surdos/as, sendo dois do sexo masculino e 3 do feminino. Sobre sua proveniência sabe-se que vieram 3 de Curitiba e 2 de São José dos Pinhais<sup>45</sup>. Vale dizer que a instituição não operou em regime de no internato porque não tinha estrutura e recursos para tal.

Ainda sobre essa instituição, informações apontam que por volta em 1886, a tia de Arthur, Ernestina de Loyola, irmã da parte da mãe, substituiu a professora Elvira de Loyola Pinho, quando esta estava em licença de saúde, por 2 meses<sup>46</sup>.

Em 1890, a educação de surdos foi anexada a outra escola onde Maria Leocádia de Loyola Pinho, a mãe de Arthur, atuava como diretora<sup>47</sup>. No entanto, apesar da curta jornada da escola de surdos, percebemos que a partir de 1891 não há informações sobre essa escola de surdos nos documentos analisados.

Com base nisso, esse contexto nos leva a crer no fechamento de escola de surdos e que um dos motivos poderia ser por falta de estudantes surdos ou ainda a existência de uma professora responsável, pois Elvira de Loyola Pinho havia acabado de casar em 1890<sup>48</sup>. Além dessas hipóteses, o real motivo da descontinuidade da escola de surdos ainda permanece desconhecido.

43 Dezenove de Dezembro (PR). Curitiba, 5 de abril de 1884, p. 3, Edição 83.

44 De acordo com Mimesse e Maschio (2009) “na província do Paraná, denominava-se escola promíscua a que abrigava na mesma sala de aula meninas e meninos”.

45 Dezenove de Dezembro (PR). Curitiba, 16 de abril de 1884, p. 2, Edição 90.

46 Relatório oficial do Presidente da Província do Paraná, Joaquim de Almeida Faria Sobrinho à Assembleia Legislativa do Paraná, em 03 de maio de 1886. Curitiba, p. 21.

47 “A República: órgão do Partido Republicano (PR)”. Curitiba, 1 de fevereiro de 1890, Edição 27.

48 Registro de casamento do tenente Antonio Luiz Fagundes de Souza e Elvira de Loyola Pinho, 18 de maio de 1890. Registro Civil, 1852-1996. Curitiba, Bacacheri, Matrimônios 1889, Jan-1890, Jun., Folha 178, número 387.

No mais, foram encontradas algumas informações sobre Arthur que gostaríamos de compartilhar. Em sua certidão de casamento registrada no dia 02 de abril de 1898<sup>49</sup>, Arthur tinha 37 anos, quando casou em Curitiba com Luiza Paske, também surda, filha de Augusto Paske e Guilhermina Kintopa, naturais da Alemanha. No mesmo documento identificamos que Arthur trabalhava como sapateiro e ele com sua esposa tiveram três filhos, a saber: Arthur, Marina e Lygia.

No que toca o fim de sua caminhada, Arthur faleceu no dia 15 de março de 1945<sup>50</sup>, aos 83 anos, como vítima de câncer de próstata. Deixou um único filho vivo, pois suas duas filhas e sua esposa faleceram antes dele. Em sua certidão de óbito está registrado que ele morava na Rua Itupava, nº 14, hoje bairro Alto da Glória, em Curitiba.

Após esse curto percurso pelos vestígios históricos que tratam da presença de estudantes surdos paranaenses no INES durante o século XIX, seguimos para as considerações finais.

### **Considerações finais**

No início desse trabalho tínhamos como intenção responder às seguintes perguntas de pesquisa: (1) Será que existiram estudantes surdos paranaenses que estudaram no INES do século XIX, entre 1856 e 1873? e (2) Se sim, quem eram e o que sabemos sobre tais estudantes?

Ponderamos que no decorrer deste estudo, conseguimos responder tais questões por meio dos dados encontrados. Procuramos durante o texto apresentar para você um pouco sobre os aspectos históricos que envolvem os três estudantes surdos paranaenses que estudaram no INES no século XIX.

Acreditamos que este trabalho é relevante ao passo que além dos vestígios históricos desses três estudantes surdos paranaenses, o estudo possibilitou apresentar outras informações de grande importância para a história da educação dos surdos do Paraná, como é o caso da primeira

---

<sup>49</sup> Registro de casamento de Arthur de Loyola Pinho e Luiza Paske, 02 de abril de 1898. Registro Civil, 1852-1996. Curitiba, Bacacheri, Matrimônios 1897, Set-1899, Jul., Folha 120/121.

<sup>50</sup> Registro de óbito de Arthur de Loyola Pinho, 16 de março de 1945. Registro Civil, 1852-1996. Curitiba, Curitiba, Óbitos 1945, Jan-Maio, Folha 135, nº 429.

escola de surdos em Curitiba em 1884, fundada 28 anos depois do atual INES e que pode até ser considerada a primeira escola de surdos do Paraná, mas que para afirmar tal fato ainda carece de mais pesquisas.

## Referências

- BELLO, Luiz Alves de Oliveira. *Relatório apresentado à Brazílio Augusto Machado de Oliveira, em 22/08/1884*. Curitiba: Typ. Perseverança J. F. Pinheiro, 1884.
- CARVALHO, Paulo Vaz de. História da Educação de Surdos: o que dizem as fontes documentais. *Revista Online da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal*, Setúbal, vol. 7, n. 1, p. 101-110, 2019.
- FARACO, Carlos Alberto. Interação e linguagem: balanço e perspectivas. *Calidoscópio (UNISINOS)*, São Leopoldo (RS), v. 03, n.03, p. 214-221, 2005.
- KNAPIK, Danilo da Silva. *Contexto socioeducacional do Instituto Nacional de Educação de Surdos (1856-1868): o protagonismo de estudantes surdos*. 2022. f. 198. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Curitiba, 2022.
- KNAPIK, Danilo da Silva. Perfil de estudantes surdos do atual Instituto Nacional de Educação dos Surdos no período de 1856 a 1873. Rio de Janeiro: *Revista Espaço*, v. 58, p. 12-33, jan-jun, 2023.
- MOYA, Salvador de. *Revista Genealógica Latina*, vol. 9/10, São Paulo, s/ ed., 1957/1958.
- MIMESSE, Eliane; MASCHIO, Elaine Cátia Falcade. O início da escolarização primária no final do século XIX em dois núcleos coloniais italianos. *Educ. Puc.*, Campinas, n. 27, p. 109-118, dez. 2009.
- NEGRÃO, Francisco. *Genealogia Paranaense*. Vol.3. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1928.
- NETTO, Ernesto Padovani. História da educação de surdos: as disputas entre o falar e o sinalizar e as práticas no Imperial Instituto de Surdos-Mudos (1857-1957). *História & Ensino*, v. 27, n. 2, p. 186-211, 2021.
- OLIVEIRA, Ricardo Costa de. A “Nobreza da Terra” nas vilas de Paranaguá, Curitiba e São Francisco do Sul. Comunicação no *Congresso Internacional Pequena Nobreza nos Impérios Ibéricos de Antigo Regime*. Lisboa, 2011.

---

ROCHA, Solange Maria. *Antíteses, díades, dicotomias no jogo entre memória e apagamento presentes nas narrativas da história da educação de surdos: um olhar para o Instituto Nacional de Educação de Surdos (1856/1961)*.

Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Educação do Departamento de Educação da PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2009.

ROCHA, Solange Maria da. *Instituto Nacional de Educação de Surdos: uma iconografia dos seus 160 anos*. Rio de Janeiro: MEC & INES, 2018.

RODRIGUES, José R. *As seções de surdos e de ouvintes no Congresso de Paris (1900): problematizações sobre o pastorado e a biopolítica na educação de surdos*. 2018. 202 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.



# ASSOCIAÇÕES DE SURDOS EM SANTA CATARINA, ONTEM E HOJE: MEMÓRIA E PERTENCIMENTO

*Deonísio Schmitt<sup>51</sup>*

*Fabiola Sucupira Ferreira Sell<sup>52</sup>*

## **Introdução**

Este capítulo tem por objetivo traçar um panorama das Associações de Surdos de Santa Catarina. Para tanto, parte-se de pesquisa bibliográfica, com o objetivo de resgatar a origem e a história das primeiras Associações de Surdos do estado com base em Schmitt (2008, 2013). Busca-se, ainda, identificar o papel das Associações de Surdos na perspectiva das comunidades surdas catarinenses, com ênfase na memória e no pertencimento gerados em seus associados.

É importante ressaltar que a escrita deste capítulo parte das experiências dos autores enquanto membros de Associações de Surdos de Santa Catarina e como pesquisadores de temas relacionados aos estudos surdos, especialmente aqueles desenvolvidos pelo professor Surdo Deonísio Schmitt em seus trabalhos de mestrado e doutorado, em que teve a oportunidade e a honra de conviver e entrevistar o professor Francisco Lima Júnior<sup>53</sup> (Figura 1), surdo catarinense que incentivou e criou as primeiras Associações de Surdos de Santa Catarina.

---

51 Doutor em Linguística/UFSC. Professor Associado da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: deonísio.schmitt@ufsc.br.

52 Doutora em Linguística/UFSC. Professora Associada da Universidade do Estado de Santa Catarina. E-mail: fabiola.sell@udesc.br.

53 O professor Francisco Lima Júnior nasceu surdo, em primeiro de junho de 1928 em Florianópolis/SC e faleceu em 25 de abril de 2012, no município de São Pedro de Alcântara/SC.

Nesse sentido, este capítulo busca resgatar parte dessa história e entender o significado da participação de surdos e ouvintes nas Associações de Surdos de Santa Catarina. Assim, foram enviados questionários com perguntas que serão analisadas e categorizadas aqui.

## **Procedimentos metodológicos**

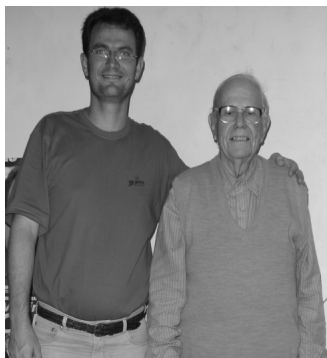
Como procedimentos metodológicos para a realização do presente estudo, partiu-se de busca bibliográfica nos estudos de Schmitt (2008, 2013), bem como se levou em conta a experiência deste pesquisador no contato com o professor Francisco (Figura 2) e os dados coletados para suas pesquisas, assim como o contato dos pesquisadores com Associações de Surdos catarinenses.

**Figura 1:** Professor Francisco Lima Junior.



**Fonte:** Acervo pessoal dos autores

**Figura 2:** Professor Francisco Lima Junior e o professor Deonísio Schmitt.



**Fonte:** Acervo pessoal dos autores

Para a coleta de dados, foi aplicado um questionário online, enviado via Whatsapp, com 10 perguntas a integrantes de comunidades surdas catarinenses. Tal instrumento é formado por 5 perguntas diagnósticas e 5 perguntas com o objetivo de reunir informações a respeito do significado da participação dos informantes em Associações de Surdos em Santa Catarina. A escolha do público alvo se deu por conveniência e foram obtidas 29 respostas, das quais 28 foram usadas nesta pesquisa, uma vez que um dos respondentes não concordou com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

As respostas apresentadas foram analisadas e categorizadas de Respondente 01 (R01) a Respondente 29 (R29), a fim de elucidar um panorama das percepções de pessoas surdas e ouvintes sobre as Associações de Surdos de Santa Catarina.

### **A origem das Associações de Surdos de Santa Catarina**

A ideia de organizar uma Associação de Surdos em Santa Catarina surgiu, conforme Schmitt (2008), quando os Surdos começaram a perceber a necessidade de uma estrutura que unisse e fortalecesse a comunidade surda do Estado de Santa Catarina. Esse movimento teve início com a conversa entre os surdos e a identificação da necessidade de uma organização que pudesse reivindicar seus direitos e oferecer um espaço para discussão.

Sendo assim, a expansão das Associações de Surdos em Santa Catarina ocorreu em resposta a várias necessidades. Primeiramente, havia a necessidade de um espaço onde a língua de sinais pudesse ser utilizada livremente, o que ajudava os surdos a reconhecerem sua identidade e a se conectarem com seus pares. A distância entre as cidades também contribuiu para a formação de grupos locais, com surdos criando associações em suas próprias cidades.

Nesse sentido, o impulso para a fundação da primeira associação em Santa Catarina veio da iniciativa do professor Surdo Francisco Lima Júnior. Francisco já havia participado da fundação da Associação de Surdos de São Paulo e mantinha uma forte amizade com os líderes das Associações de São Paulo e do Rio de Janeiro. Foi um dos principais responsáveis pela criação do Círculo de Surdos-Mudos de Santa Catarina.



Sua experiência e conexões em outros estados foram cruciais para a concretização da ideia. Francisco era natural de Florianópolis, em Santa Catarina, nasceu surdo em 01 de junho de 1928. Estudou, no período de 1937 a 1946, no INES/RJ e em São Paulo. O professor Francisco faleceu em 25 de abril de 2012, em Florianópolis. Ele residia na cidade de São José/SC e seu velório e enterro ocorreram em São Pedro de Alcântara/SC. Francisco Lima Júnior, participando ativamente dos movimentos surdos no Brasil, foi eleito delegado nacional para a organização dos surdos na Região Sul, o que levou à fundação do Círculo de Surdos-Mudos de Santa Catarina. Em 1954, ele e seu colega Salomão Watnick também fundaram a primeira Associação de Surdos em Porto Alegre (Schmitt, 2008, 2013).

No contexto pessoal, Francisco foi casado com a professora Mercedes Maria Silva Lima (ouvinte), com quem teve dois filhos. Mercedes ajudou Francisco em seu trabalho na escola. Após a separação, Francisco manteve sua dedicação ao movimento surdo e, ao longo dos anos, continuou sua colaboração com a comunidade surda.

Ao observar que muitos surdos frequentavam sua casa e percebendo a alta taxa de analfabetismo entre eles, Francisco assumiu a tarefa de ensinar leitura e escrita a essas pessoas. Foi então que descobriu um surdo que havia estudado com ele no INES/RJ, no período de 1937 a 1946, e depois em São Paulo, e que lhe informou sobre a falta de uma associação de surdos na região. Esse contato levou Francisco a se encontrar com Salomão Watnick, primeiro professor surdo do Rio Grande do Sul, e David Battastini Filho (Silva, 2001), para iniciar a formação de uma associação.

Para iniciar as atividades educacionais, Francisco solicitou e conseguiu que seus pais cedessem um espaço para transformar em sala de aula noturna. Assim, começou a oferecer aulas de Português, Matemática, Geografia e Conhecimentos Gerais para um grupo de 15 adultos surdos, que só podiam estudar à noite devido aos seus compromissos diurnos.

Conforme Schmitt (2008), Francisco Lima Júnior participou da inauguração da Associação de Surdos de São Paulo, em 1954 e, aproveitando a experiência positiva desse evento, decidiu fundar uma associação semelhante em Santa Catarina. Influenciado pelo sucesso da associação paulistana, Francisco estava determinado a replicar essa experiência em seu estado natal.

Os ideais de Francisco permaneceram fortes e, em 15 de agosto de 1955, a comunidade surda de Florianópolis fundou o Círculo de Surdos-Mudos de Santa Catarina (CSMSC)<sup>54</sup>. Assim como outras Associações de Surdos no Brasil, o Círculo (Figura 3) tinha objetivos educacionais e esportivos, além de promover encontros e a troca de experiências entre surdos da região Sul, fortalecendo e unindo a comunidade.

**Figura 3:** Emblema do Círculo de Surdos-Mudos de Santa Catarina - CSMSC.



**Foto:** Walter Nunes da Silva Filho

No mesmo ano, conforme Rangel (2004), a influência de Francisco Lima Júnior também levou à fundação de outras Associações de Surdos no Sul do Brasil. Em Porto Alegre, a Associação de Surdos foi criada por Salomão Watnick, que foi orientado por Francisco. Watnick foi introduzido aos métodos educacionais surdos franceses por Francisco e também foi influenciado pelas Associações de Surdos de São Paulo. Nessa época, a presença dos surdos começou a ganhar visibilidade no Sul do Brasil, com figuras como Francisco Lima Júnior e David Battastini Filho, contribuindo para a educação dos surdos.

Embora muitas escolas de surdos na época fossem dirigidas por ouvintes, as associações lideradas por surdos trouxeram uma nova perspectiva. A presença de professores surdos e o uso da Língua de Sinais permitiram um ensino mais autêntico e eficaz, reforçando a identidade surda e promovendo a inclusão a partir da perspectiva dos surdos.

<sup>54</sup> A dissertação de mestrado do professor Surdo Deonísio Schmitt (2008) apresenta informações mais detalhadas sobre a vida pessoal do professor Francisco e também sobre o Círculo de Surdos-Mudos de Santa Catarina. Outras informações constam também na dissertação de mestrado de Vilmar Silva (2001).

A expansão das Associações de Surdos, tanto no Brasil quanto na América Latina, pode ser atribuída à necessidade dos surdos de encontrar espaços onde pudessem se comunicar livremente e reconhecer sua identidade. Schmitt (2008, 2013) destaca que, seguindo o modelo de Ferdinand Berthier (1803-1886), na Europa, surdos em todo o mundo começaram a organizar encontros e atividades esportivas, sociais e culturais, promovendo uma maior coesão e fortalecimento da comunidade surda.




A distância entre países e cidades também contribuiu para a formação de grupos locais de surdos, o que facilitou a criação de associações e promoveu uma maior interação entre as comunidades surdas ao redor do mundo.

### **Associações de Surdos de SC na atualidade: análise dos questionários aplicados**

A partir dos dados coletados via questionário temos, dos 28 que concordaram com o TCLE, 24 surdos e 4 ouvintes. Quanto à idade, 04 respondentes têm entre 18 e 29 anos, 10 respondentes têm entre 30 e 39 anos, 10 respondentes têm entre 40 e 49 anos, 4 respondentes têm entre 50 a 59 anos e 1 deles tem entre 60 a 69 anos.

Quanto à pergunta se participa ou já participou de Associações de Surdos, 6 respondentes já participaram, 21 participam e um respondeu que não participou e nem participa. As associações mencionadas pelos respondentes (Quadro 1) são as seguintes:

**Quadro 1:** Associações citadas pelos respondentes do questionário aplicado.

<b>Sigla/Nome completo da Associação</b>	<b>Cidade</b>	<b>Emblema</b>	<b>Ano/Fundação</b>
APADAVIX - Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos e Visuais de Xanxerê	Xanxerê/SC		2001
ASL - Associação dos Surdos de Lages	Lages/SC		2015
ADESC - Associação dos Surdos do Extremo Sul Catarinense	Araranguá/SC		2003

ASBLU - Associação dos Surdos de Blumenau	Blumenau/SC		1989
ASPA - Associação dos Surdos de Palhoça	Palhoça/SC		2017
ASCJ - Associação da Comunidade Surda de Joinville	Joinville/SC		2020
ASCHA - Associação de Surdo de Chapecó	Chapecó/SC		1987
ASGF - Associação de Surdos da Grande Florianópolis	Florianópolis/SC		1955
ALPAS - Associação Lagunense de Pais, Amigos e Surdos	Laguna/SC		2016
ASJS - Associação dos Surdos de Jaraguá do Sul	Jaraguá do Sul/SC		2001
ASBAC - Associação de Surdos de Balneário Camboriú	Balneário Camboriú/SC		2001
ASBRU - Associação de Surdos de Brusque	Brusque/SC		2013
ASC - Associação dos Surdos de Criciúma	Criciúma/SC		2004
Sociedade de Surdos de São José (extinta)	São José/SC		1990
ASPUVA - Associação de Surdos de Porto União da Vitória	Porto União/SC		2001

**Fonte:** os autores (2024)<sup>55</sup>.

Nesse contexto, é importante destacar a Federação Desportiva de Surdos do Estado de Santa Catarina - FDESC (Figura 4), uma entidade dedicada à promoção e organização de atividades esportivas para pessoas surdas no estado de Santa Catarina. No site da FDESC, no endereço que aparece na nota de rodapé 5 deste capítulo, é possível encontrar as associações de surdos de Santa Catarina e seus dados de contato, bem como a listagem de atletas surdos ativos e inativos. Fundada com o propósito de fomentar a prática esportiva entre a comunidade surda e garantir a inclusão desses atletas em competições e eventos esportivos, ela surgiu em um contexto onde havia uma necessidade crescente de uma estrutura que organizasse e promovesse o esporte para surdos em nível estadual.

**Figura 4:** Emblema da Federação Desportiva de Surdos do Estado de Santa Catarina



**Fonte:** <https://www.fdesc.org.br/entidades>.

Em relação à pergunta “Você participa de Associação de Surdos há quantos anos?”, 06 respondentes participam ou participaram entre 21 anos a 30 anos; 04 participaram ou participam entre 11 e 20 anos e 18 participaram ou participaram entre 01 e 10 anos. Essa pergunta quanto à participação em Associações de Surdos de Santa Catarina parece demonstrar que a maioria apresenta uma participação contínua, que perdura por anos, indicando em alguns casos um forte compromisso com as associações ao longo das décadas.

Por outro lado, a diversidade nas respostas revela um espectro amplo de experiências de participação em Associações de Surdos. Alguns participantes têm um envolvimento de longo prazo, demonstrando compromissos duradouros e contínuos, enquanto outros têm experiências mais recentes. As respostas também refletem diferentes motivos para participar, como conexão com a comunidade surda, apoio mútuo e engajamento cultural. Essa variedade também destaca a importância das

---

entidades; <https://bid.cbds.org.br/cbds/filiada/santa-catarina>. Acesso em maio de 2024.

Associações de Surdos em oferecer um espaço vital para apoio, inclusão e promoção da cultura surda ao longo do tempo em que o foco é o encontro Surdo-Surdo.

Já a análise das respostas à pergunta “O que significa para você participar de uma associação de surdos?” revela uma variedade de perspectivas e experiências significativas para os participantes. Tais perspectivas foram categorizadas em 6 itens principais: inclusão e identidade surda; luta por direitos e acessibilidade; desenvolvimento pessoal e educação; convivência e socialização; lazer, esportes e cultura; motivação e apoio.

### *1. Inclusão e Identidade Surda*

Muitos participantes mencionam que participar de uma associação de surdos é essencial para fortalecer a identidade surda e promover o reconhecimento da cultura e da língua de sinais (Libras). Além disso, a associação é vista como um espaço para se sentir confortável e compartilhar experiências com pessoas que vivenciam a mesma identidade cultural e linguística, conforme demonstram as falas a seguir:

“Conviver com comunidade surda, minha língua e sentir confortável.” (R15)

“Fazer amigos, se conectar com cultura surda, aprendizado em Libras, quebrar barreiras, esportes, viagens etc.” (R26)

### *2. Luta por Direitos e Acessibilidade*

Há uma forte ênfase na importância de participar ativamente na luta por direitos e na promoção da acessibilidade para a comunidade surda. Isso inclui desde a participação em iniciativas de advocacia até a busca por melhores condições de acessibilidade na sociedade por meio de políticas públicas de inclusão próprias para surdos, como pode ser notado nas seguintes falas:

“Fazer acontecer o cumprimento das leis pelos direitos da comunidade surda.” (R8)

“Participo por que sou surdo, sou diretor também e importante construir e desenvolver para nossa comunidade surda e direito acessibilidade e sociedade surda.” (R19)

### 3. *Desenvolvimento Pessoal e Educação*

Alguns respondentes destacaram que participar de uma associação de surdos também é percebido como uma oportunidade para aprendizado contínuo em Libras, desenvolvimento pessoal e educação. Muitos destacam que participar da associação os ajudou a crescer pessoal e profissionalmente, além de proporcionar novas oportunidades de aprendizado, como se percebe na resposta a seguir:

“Objetivo crescer os povos surdos na associação e também motivação esportes e educação de surdos.” (R29)

“Ajudar a desenvolver aos surdos daqui, na verdade não sou daqui, nascida no rio de janeiro, me mudei para cá por motivo do meu trabalho daqui.” (R25)

### 4. *Convivência e Socialização*

A associação é vista como um espaço de convivência onde é possível compartilhar experiências, fazer novas amizades e se conectar com outras pessoas surdas. A socialização é valorizada como um aspecto enriquecedor da participação na associação.

“A associação é como um carregador, quanto mais a gente participa, mais cheia de conhecimentos, novidades, aprendizados, interações e socialização.” (R21)

### 5. *Lazer, Esportes e Cultura*

A oferta de atividades como esportes, lazer, viagens e eventos culturais é mencionada como uma razão significativa para participar. Essas atividades não apenas proporcionam diversão, mas também fortalecem o senso de comunidade e pertencimento no encontro Surdo-Surdo.

“Esportes, lazer, cultura e oficinas.” (R02)

“Lazer, esportes, reuniões, debates, etc.” (R28)

### 6. *Motivação e Apoio*

Alguns participantes destacam que veem a associação como um local onde encontram motivação para continuar lutando pelos direitos dos surdos e para promover mudanças positivas na sociedade.

“Informações Libras, interagir conversar libras bom aprender coisas e combinar grupo surdos fazer criar sinal exemplo supermercado Giassi, também novo bairros.” (R11)

Em suma, as respostas mostram que participar de uma associação de surdos vai além de simplesmente frequentar eventos ou atividades; representa um compromisso com a identidade, direitos e bem-estar da comunidade surda. É um espaço vital onde os surdos podem se sentir incluídos, fortalecer sua identidade cultural e linguística, além de se engajarem ativamente na promoção da acessibilidade e na busca por uma sociedade mais inclusiva.

Outra questão do questionário foi em relação ao papel dos surdos mais antigos nas associações. As respostas foram agrupadas em 06 categorias, que revelam uma variedade de percepções e funções atribuídas a esses membros experientes:

### *1. Mentoria e Liderança*

Muitos mencionam que os surdos mais antigos desempenham papéis importantes como mentores e líderes dentro da associação. Eles compartilham suas experiências e conhecimentos, orientam os membros mais jovens e ajudam a preservar a cultura e a identidade surda.

“Respeito idoso surdo é poder. Modelo para a comunidade surda”.  
(R17)

### *2. Defesa de Direitos*

Alguns destacam que os surdos mais antigos estão ativamente envolvidos na defesa por direitos, acessibilidade e igualdade para a comunidade surda. Eles trabalham para fazer cumprir as leis e garantir o respeito e os direitos dos surdos na sociedade, como segue:

“ajudando a preservar a cultura e a identidade surda, além de oferecer orientação e apoio em questões importantes. Eles também podem ser ativos na defesa por direitos, acessibilidade e igualdade para a comunidade surda em geral.” (R07)



### 3. *Preservação da História e da Tradição*

Outro papel mencionado é a preservação da história e da tradição surda. Os mais antigos ensinam aos surdos mais novos sobre a história da comunidade surda, resgatam memórias importantes e ajudam a contextualizar eventos passados a partir da língua de sinais, como mostra essa fala sobre a importância dos surdos mais antigos nas associações:

“História e tradição. Ensinar aos surdos mais novos e compartilhar experiências. Tbm se apropriar de novos desafios que enfrentam os surdos mais jovens e lutar junto, sempre que possível.” (R10)

“Carregar e contextualizar a história dos surdos.” (R27)

### 4. *Participação Ativa na Associação*

Alguns destes surdos mais antigos são membros ativos na diretoria ou em outros cargos administrativos dentro da associação, como presidente, diretor de esportes, fiscais, dentre outros, como mostram as respostas a seguir sobre o papel dos surdos mais antigos:

“Presidente, Diretor de esportes e fiscais.” (R06)

“Empoderadores.” (R21)

“Sou fundador da ASPUVA junto 6 fundadores.” (R28)

### 5. *Construção e fortalecimento da Comunidade*

Surdos mais antigos são vistos como figuras que constroem e fortalecem a comunidade surda, estimulando outros membros a se envolverem e a se sentirem parte integrante da associação, justamente pelo seu papel de representatividade surda nas comunidades, como percebemos nas seguintes respostas:

“Empoderadores.” (R21)

“Referência do modelo.” (R24)

“Alegres e dinâmicos.” (R26)

### 6. *Desafios e Inovação:*

Alguns mencionam que os surdos mais antigos enfrentam novos desafios junto com os mais jovens, adaptando-se às mudanças e buscando soluções inovadoras para os problemas da comunidade surda.

“movimento diminuiu por causa do avanço da tecnologia da comunicação (atração) e também falta os apoios dos voluntários. Cada pessoa não culpada tem.” (R23)

Como se pode perceber a partir da categorização das respostas a essa questão, os surdos mais antigos desempenham múltiplos papéis dentro das associações, desde mentoria e liderança até defesa de direitos e preservação da história. Sua contribuição é essencial para garantir a continuidade cultural, promover o fortalecimento da comunidade surda e enfrentar os desafios contemporâneos com sabedoria e experiência acumulada ao longo dos anos.

A última pergunta do questionário fazia referência às dificuldades enfrentadas nas Associações de Surdos. Tais respostas foram categorizadas em 08 principais dificuldades, conforme segue: falta de recursos e infraestrutura; barreiras de comunicação e acessibilidade; desinteresse e falta de engajamento; desafios pessoais e profissionais; problemas internos de gestão; questões sociais e reconhecimento; intromissão de pessoas não surdas; adaptação às mudanças tecnológicas.

### *1. Falta de Recursos e Infraestrutura*

Uma das principais dificuldades mencionadas é a falta de recursos financeiros e a ausência de uma sede própria. Isso impacta diretamente a capacidade da associação em oferecer serviços e programas adequados para seus membros, como na fala seguinte:

“Financeira para desenvolver mais ações e projetos para os surdos.”  
(R27)

### *2. Barreiras de Comunicação e Acessibilidade*

Algumas respostas apontam para dificuldades relacionadas à barreira de comunicação, falta de intérpretes de Libras e acessibilidade inadequada. Isso dificulta a participação plena dos surdos nas atividades da associação, bem como em outros locais da sociedade, como ilustrado na seguinte resposta:

“Tentar conquistar a estrutura no espaço para atender público como atendimento bilíngue, psicóloga, fonoaudióloga e advogado” (R29).

### *3. Desinteresse e Falta de Engajamento*

Há menções sobre a falta de interesse dos surdos em participar ativamente da associação, o que pode afetar a força e o impacto das iniciativas promovidas pela mesma.

“Falta de interesse dos surdos em participar e se associar para dar cada mais vez mais força para a causa.” (R10)

### *4. Desafios Pessoais e Profissionais*

Alguns respondentes destacam dificuldades pessoais, como horários conflitantes com o trabalho ou a distância física da associação, o que dificulta a participação regular nas Associações de Surdos:

“É o horário, pois trabalho o dia todo, e não consigo ir na associação por causa do horário.” (R09)

“Agora moro longe e falta de tempo pra frequentar.” (R15)

### *5. Problemas Internos de Gestão*

A falta de conhecimento específico de algumas diretorias sobre Libras e questões relacionadas à comunidade surda é apontada como um obstáculo para o desenvolvimento de oficinas e programas educativos.

### *6. Questões Sociais e Reconhecimento*

Alguns mencionam a falta de valorização e respeito por parte da sociedade em geral, o que pode impactar negativamente o ambiente e o engajamento dos membros da associação.

“A falta de valorização, reconhecimento e respeito da sociedade em geral.” (R16)

### *7. Intromissão de Pessoas Não Surdas*

Existe também a preocupação com a presença de ouvintes que fingem ser surdos e ocupam papéis dominantes na associação, causando desconforto e frustração entre os membros verdadeiramente surdos.

“Um ouvinte que finge ser surdo, se mete na associação... usa como protagonista. Isso gera o meu desconforto e angustiante.” (R21)

## 8. *Adaptação às Mudanças Tecnológicas*

O avanço da tecnologia de comunicação é mencionado como um fator que contribui para a diminuição do movimento na associação, uma vez que os interesses e formas de interação dos membros podem mudar com o tempo. As redes sociais são capazes de conectar surdos de diferentes regiões e com isso enfraquecer o encontro presencial Surdo-Surdo.

A partir da análise realizada, podemos retomar as conclusões de Schmitt, quando reafirma a importância das Associações de Surdos, especialmente em Santa Catarina:

Concluimos na importância o surdo procure o espaço desta associação mais possível desta a cultura e salva a pátria na história a língua de sinais dos contatos com os surdos vem buscando a força de política dos movimentos dos direitos à identidade surda na associação mais eficaz dos líderes surdos. Então, que acreditamos a expansão acontecida em função dos surdos sentirem a necessidade de ter um espaço para conversar e assim as associações do mundo foram sendo fundadas e os surdos começaram a organizar no modelo de Ferdinand Berthier na Europa dos encontros para atividade esportivas, sociais e culturais. A expansão se deu por uma necessidade lingüística e também nas Associações dos Surdos podia ser usado livremente e assim o surdo reconheciam seus pares e sua identidade de pessoa surda (Schmitt, 2008, p. 84-88).

As respostas aqui analisadas, portanto, destacam uma série de desafios enfrentados pelas Associações de Surdos, que vão desde questões estruturais e financeiras até problemas relacionados à comunicação, engajamento dos membros, e adaptação às mudanças sociais e tecnológicas. Superar esses desafios requer esforços colaborativos, apoio governamental e comunitário, além de estratégias inclusivas para garantir que as necessidades da comunidade surda sejam atendidas de maneira eficaz e respeitosa.

## Considerações Finais

Este capítulo teve por objetivo oferecer uma visão sobre a origem, o desenvolvimento e a situação atual das Associações de Surdos em Santa Catarina, com base em uma análise bibliográfica e dados coletados diretamente de membros dessas associações. A pesquisa revelou a importância histórica das associações, desde sua fundação até o impacto atual na vida das pessoas surdas na região.

A origem das Associações de Surdos em Santa Catarina, iniciada por Francisco Lima Júnior, destacou-se como um marco fundamental. A experiência e a dedicação de Francisco, assim como sua colaboração com outros líderes surdos, foram cruciais para estabelecer a estrutura necessária para fortalecer a comunidade surda no estado. A fundação do Círculo de Surdos-Mudos de Santa Catarina, em 1955, bem como a criação de outras associações no Sul do Brasil, podem ser consideradas passos significativos para o desenvolvimento de uma rede de apoio e fortalecimento da identidade surda.

Já a análise qualitativa dos dados coletados através dos questionários revelou que a participação em Associações de Surdos continua a ser uma parte vital da vida dos surdos catarinenses. As respostas destacaram que as Associações de Surdos oferecem um espaço essencial para a inclusão, promoção da identidade surda, e luta por direitos e acessibilidade. As associações não apenas servem como um meio de socialização e apoio, mas também desempenham um papel crucial na preservação da cultura surda e no desenvolvimento pessoal e educacional de seus membros.

Entretanto, a pesquisa também revelou desafios significativos enfrentados pelas Associações de Surdos. A falta de recursos financeiros e infraestrutura, barreiras de comunicação e acessibilidade, e a dificuldade de engajamento dos membros são questões persistentes. Além disso, o impacto das mudanças tecnológicas e sociais representa um desafio crescente, que requer adaptação e inovação por parte das associações para continuar a atender às necessidades de sua comunidade, que na atualidade pode se comunicar via redes sociais, o que promove o encontro Surdo-Surdo de várias localidades do país e do mundo.

Mesmo assim, é importante destacar que as Associações de Surdos em Santa Catarina desempenham um papel fundamental na vida de seus

membros, oferecendo um espaço para crescimento pessoal, socialização e defesa de direitos. A contribuição dos surdos mais experientes, como mentores e líderes, apareceu nas respostas dos participantes como figura essencial para a continuidade e eficácia dessas associações. Superar os desafios enfrentados exigirá esforços contínuos e colaboração entre a comunidade surda, o governo e outras entidades para garantir um futuro inclusivo e sustentável para as Associações de Surdos.

Em suma, embora os dados aqui analisados tenham sido um pequeno recorte da comunidade surda catarinense, pode-se perceber que as Associações de Surdos em Santa Catarina representam um exemplo notável de como a organização e a colaboração podem transformar a vida de uma comunidade. A história, as experiências atuais e os desafios enfrentados revelam a resiliência e o compromisso dos surdos em buscar um espaço onde possam se sentir reconhecidos e respeitados. O fortalecimento contínuo dessas associações é crucial para a promoção da inclusão e do respeito pelos direitos da comunidade surda em Santa Catarina e em outros espaços e tempos.

Pesquisas futuras podem se concentrar em várias áreas a partir dos achados deste estudo. É fundamental explorar o impacto das novas tecnologias de comunicação nas práticas e na interação dentro das Associações de Surdos, considerando como essas ferramentas podem ser utilizadas para fortalecer a rede de apoio entre os surdos e ampliar sua visibilidade na sociedade. Além disso, investigações que analisem a eficácia das políticas públicas voltadas para a inclusão da comunidade surda em Santa Catarina podem fornecer pistas valiosas sobre as lacunas existentes nessa área de investigação. Também seria enriquecedor realizar estudos comparativos entre associações de diferentes estados para identificar práticas exitosas que possam ser replicadas. Por fim, a inclusão de perspectivas intergeracionais nas próximas pesquisas pode revelar como a transferência de conhecimento e experiências entre membros mais velhos e mais jovens pode impactar a sustentabilidade e a manutenção das associações.

Por outro lado, a preservação de registros históricos, como fotografias, documentos e testemunhos orais, é essencial para valorizar a trajetória dessas associações e suas contribuições ao longo dos anos no fortalecimento da comunidade surda brasileira. Essas evidências

documentais não apenas educam as novas gerações sobre a história dos surdos brasileiros e suas associações, mas também inspiram ações futuras que visem a promoção de uma sociedade mais inclusiva e justa.

## Referências Bibliográficas

PERLIN, Gládis. *História dos Surdos*. Caderno Pedagogia para Surdos. UDESC – Florianópolis – SC, CEAD, 2002.

SCHMITT, Deonísio. História oral: as narrativas da primeira turma de surdos de Santa Catarina. In: *IV Encontro Regional Sul de História Oral*, 2007, Florianópolis - SC. Anais eletrônicos. Florianópolis - SC: CFH/UFSC, 2007.

SCHMITT, Deonísio. *A história da língua de sinais em Santa Catarina: contextos sócio-históricos e sociolinguísticos de surdos de 1946 a 2010*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SCHMITT, Deonísio. *Contextualização da trajetória dos surdos e educação de surdos em Santa Catarina*. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SCHMITT, Deonísio; SILVA, F. I. da; BASSO, Idavania Maria Souza. *Curso de pedagogia para surdos*. Elaboração: Deonísio Schmitt, F. I. da Silva, Idavania Maria Souza Basso; Orientação em Linguística: Ronice Muller de Quadros. Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

RANGEL, Gisele Maciel Monteiro. *História do povo surdo em Porto Alegre: imagens e sinais de uma trajetória cultural*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SILVA, Vilmar. *A luta dos Surdos pelo direito à educação e ao trabalho: Relato de uma Vivência Político Pedagógica na Escola Técnica Federal de Santa Catarina*. 2001. 142f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

SILVA, Vilmar. *História dos Surdos*. Caderno Pedagogia para Surdos. UDESC – Florianópolis – SC, CEAD, 2002.

## TRAMAS HISTÓRICAS DA EDUCAÇÃO DE SURDOS NO RIO GRANDE DO SUL<sup>56</sup>

*Ana Paula Gomes Lara*<sup>57</sup>

*Daiana San Martins Goulart*<sup>58</sup>

*Juliana de Oliveira Pokorski*<sup>59</sup>

*Luciane Bresciani Lopes*<sup>60</sup>

*Pedro Henrique Witches*<sup>61</sup>

---

56 Agradecemos à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gladis Perlin pelas importantes contribuições a este capítulo.

57 Doutoranda em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Professora de Libras da Unipampa - Campus Alegrete. E-mail: analara@unipampa.edu.br.

58 Doutora em Educação pela Universidade Luterana do Brasil (Ulbra). Professora da área de Libras do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: daianasmgoulart@gmail.com.

59 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Departamento de Estudos Especializados da Faculdade de Educação da UFRGS. E-mail: juliana.pokorski@gmail.com.

60 Doutoranda em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professora do Departamento de Estudos Especializados da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: lbresciani@gmail.com.

61 Doutor em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professor do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). E-mail: pedro.witches@ufes.br.



## Introdução

*Eu escrevi um poema triste  
E belo, apenas da sua tristeza.  
Não vem de ti essa tristeza  
Mas das mudanças do Tempo,  
Que ora nos traz esperanças  
Ora nos dá incerteza  
Nem importa, ao velho Tempo,  
Que sejas fiel ou infiel...  
Eu fico, junto à correnteza,  
Olhando as horas tão breves...  
E das cartas que me escreves  
Faço barcos de papel!*  
(Mario Quintana, *Eu escrevi um poema triste*)

Tornar os versos saturninos e resilientes do poeta gaúcho Mario Quintana a epígrafe deste capítulo constitui uma homenagem às vítimas da recente crise climática que devastou o Rio Grande do Sul em maio de 2024. A capacidade de resistir em momentos difíceis como esse se assemelha ao que observamos na história da educação de surdos no estado gaúcho. Essa história é permeada pela intensa resistência de espaços educacionais surdos, pela luta surda em defesa da manutenção de uma comunidade cultural e linguística, bem como pela produção acadêmica em educação de surdos.

Com este capítulo, temos o objetivo de historicizar a educação de surdos no estado do Rio Grande do Sul. Portanto, aqui não escrevemos a história da educação de surdos nesse estado, mas sim tentamos colocar as práticas em torno dessa educação em uma perspectiva histórica. Trata-se de um desafio, visto não ser simples eleger memórias que funcionem como fios que se interlaçam na história. Para honrar tal tarefa, articulamos um conjunto de fontes formado por (i) narrativas e documentos confiados por participantes de nossas próprias pesquisas, (ii) produções acadêmicas que tematizam a educação de surdos no Rio Grande do Sul e (iii) dados gerados em pesquisas desenvolvidas pelo Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos (Gipes), que tem se consolidado como um grupo com mais de 20 anos de tradição na pesquisa em educação de surdos no estado gaúcho (Kraemer; Lopes; Witches, 2022).

Inicialmente, a nossa intenção era registrar, em detalhes, aspectos da fundação e dos percursos de funcionamento de cada uma das escolas de surdos do Rio Grande do Sul neste capítulo. Entendemos, contudo, que a história da educação de surdos em nosso estado não está restrita a essas escolas. Há também os movimentos protagonizados por líderes, educadores e pesquisadores surdos e ouvintes que reivindicaram mudanças nas políticas educacionais voltadas à educação de surdos. Ao percebermos que uma descrição detalhada sobre isso não seria possível para um único capítulo, foi preciso reorganizar as ideias e sintetizá-las para permitir uma leitura orgânica.

Diante disso, as páginas que seguem, após esta breve introdução, apresentam um emaranhado de elementos históricos que oferecem lampejos, em uma ordem quase cronológica, (i) da emergência e expansão de escolas de surdos espalhadas por diferentes regiões do estado; (ii) de ações do movimento surdo gaúcho na luta pelo fortalecimento da comunidade e pelo reconhecimento da língua brasileira de sinais (Libras); (iii) de ações de formação de professores e pesquisadores em educação de surdos, bem como de formação de intérpretes. Esses elementos não estão distribuídos por seções, porque eles se cruzam uns com os outros no decorrer dessa história, formando um emaranhado. Por fim, argumentamos que a história gaúcha da educação de surdos se constitui do expressivo protagonismo surdo no campo da militância de forma alinhada a movimentos semelhantes pelo Brasil.

### **Nas tramas das escolas, da formação e do protagonismo surdo no estado gaúcho**

O nascimento da *escola para surdos* se mescla com a história da educação especial e remonta ao século XVIII, na França. A relação com a educação especial, entretanto, não permanece a mesma na medida em que essas instituições ofereceram condições para o encontro entre surdos, possibilitando o fortalecimento da experiência de ser surdo. Ao descrevê-los como um grupo social, Lane (1992) apontou para a relação dos surdos com a escola: quando perguntados de onde são, “os surdos normalmente respondem recorrendo ao nome da escola [...] a qual foi por eles frequentada” (Lane, 1992, p. 31). Em narrativas sobre a relação com

a escola em teses e dissertações produzidas por autores surdos brasileiros, Mello (2011) observou um apagamento da *escola especial*, que é identificada pelos autores apenas como *escola de surdos*, que “é o espaço de convivência surda, é o espaço da constituição linguística surda” (Mello, 2011, p. 56).

As instituições de educação de surdos no Rio Grande do Sul acompanham as tendências estabelecidas no país e pelo mundo, tendo o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), no Rio de Janeiro, como referência. Os aspectos históricos sobre essas escolas foram obtidos a partir da reunião de fontes diversas: pesquisas, relatos pessoais e profissionais, reportagens e documentos oficiais que permitiram identificar pelo menos 16 instituições educacionais que, desde 1927, se dedicam à educação de surdos no estado gaúcho. Parte dessas escolas deixaram de funcionar no decorrer dos séculos XX e XXI; outras se transformaram; e algumas ainda resistem diante de uma política de inclusão que reforça a extinção dessas instituições especializadas.

É importante reiterar que priorizamos as *escolas de surdos*, também conhecidas como *escolas especiais para surdos* e, mais recentemente, como *escolas bilíngues de surdos*. Uma exceção a esse critério diz respeito à educação de surdos no município de Santa Cruz do Sul, que tradicionalmente conta com classes bilíngues de surdos em instituição de ensino regular (Gabe; Mathias, 2020). No Quadro 1, apresentamos uma síntese do que foi possível localizar sobre as escolas de surdos ativas e inativas no Rio Grande do Sul. Nele, é possível identificar o nome da instituição, a localização de sua sede, a data de sua fundação, sua situação atual e a referência de trabalhos que podem ser consultados para mais informações.

**Quadro 1** – Histórico de escolas de surdos no Rio Grande do Sul

Nº	Instituição	Localização	Fund.	Situação	Referências
1	Instituto Ipiranga	Porto Alegre	1927	Inativa	Perlin (1997/1998 <i>apud</i> Rangel, 2004; Martins, 2009)
2	Escola Especial de Educação Bilíngue Prof. Alfredo Dub	Pelotas	1949	Ativa	Bohm (2018); Rosa e Ripe (2023)
3	Escola Especial de Surdos / Escola Estadual de Ensino Médio para Surdos Profa. Lília Mazon	Porto Alegre	1952/ 1998	Ativa	Perlin (1997/1998 <i>apud</i> Rangel, 2004); Brizolla (2000); Rangel (2004); Müller (2016)

4	Escola Especial para Surdos Frei Pacífico	Porto Alegre	1956	Ativa	Lopes (2002); Müller (2016)
5	Escola de Surdos Mudos de Bagé / Escola de Educação Especial Caminho da Luz	Bagé	1958/ 1959	Ativa	Silva (2023); Goulart (em andamento)
6	Escola Especial Municipal Helen Keller	Caxias do Sul	1960	Ativa	Neves (2011); Dall'Alba (2020)
7	Escola Estadual Especial Padre Reus	Esteio	1960	Ativa	Souza (2008); Martins (2009); Müller (2016)
8	Escola Especial Concórdia	Porto Alegre	1966	Inativa	Goulart (2023)
9	Escola de Ensino Médio Concórdia para Surdos	Santa Rosa	1986	Ativa	Beras (2019)
10	Escola Estadual Especial para Surdos Keli Meise Machado	Novo Hamburgo	1988	Ativa	Müller (2016); Silva (2019)
11	Escola Municipal de Ensino Fundamental Bilingue para Surdos	Gravataí	1996	Ativa	Não foi localizada produção acadêmica que trate sobre a história da instituição.
12	Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Cóser	Santa Maria	1998	Ativa	Müller (2016); Job (2022)
13	Escola Municipal de Ensino Fundamental Bilingue para Surdos Vitória	Canoas	2003	Ativa	Silva (2003); Müller (2016)
14	Escola Municipal de Ensino Fundamental de Surdos Bilingue Salomão Watnick	Porto Alegre	2008	Ativa	Caldas (2016); Müller (2016)
15	Escola Estadual de Ensino Fundamental Gaspar Bartholomay / Escola Estadual de Ensino Médio Nossa Senhora do Rosário	Santa Cruz do Sul	2010 <sup>62</sup>	Ativa	Bertó (2009); Müller (2016); Gabe e Mathias (2020)
16	Escola Municipal de Educação Bilingue Profa. Carmen Regina Teixeira Baldino	Rio Grande	2015	Ativa	Duarte (2019)

**Fonte:** elaborado pelos autores (2024).

Como observado no Quadro 1, o registro mais antigo de uma escola de surdos no estado gaúcho data da primeira metade do século XX. Nesse

<sup>62</sup> Não localizamos evidências do início da oferta de educação de surdos na primeira escola, que manteve classes bilingues de surdos até 2009. Esse trabalho foi continuado pela segunda instituição a partir de 2010.

período, a educação de surdos estava restrita ao que era oferecido no e pelo Instituto Nacional de Surdos-Mudos, nome do INES entre 1890 e 1957. Nesse cenário, a educação de surdos esteve marcada pela recuperação do corpo surdo e sua profissionalização, a fim de torná-lo produtivo e sustentável. Assim, o ensino da *linguagem articulada* esteve em voga, intensificando aulas de português falado e escrito a partir de técnicas de desmutização, exercícios de respiração e vocalização, ginástica imitativa e leitura sintética dos lábios.

É nesse contexto que ocorre a emergência da que pode ter sido a primeira escola de surdos no Rio Grande do Sul, fundada em Porto Alegre em 1927, segundo dados gerados por Gladis Perlin entre 1997 e 1998<sup>63</sup>. Com o objetivo de resgatar a história da educação de surdos no estado gaúcho, Perlin filmou testemunhos de pessoas surdas que nasceram na década de 1920 e residiam na capital (Rangel, 2004). Nesses relatos, uma professora alemã chamada Louise Schmitd é mencionada como responsável pela fundação do Instituto Ipiranga. Com regime de internato, o Instituto recebia alunos surdos do interior do estado e desenvolvia práticas baseadas no método oral (Perlin, 1997 *apud* Rangel, 2004). Não encontramos informações sobre o destino dessa escola que não está mais em funcionamento, mas destacamos a figura do surdo Ney Olmedo, mencionado nos relatos registrados por Perlin (1997 *apud* Rangel, 2004). Ele foi aluno do Instituto Ipiranga por um certo período e deu continuidade aos seus estudos no INES. Ao retornar para Porto Alegre, Olmedo foi apontado como um líder da comunidade surda gaúcha, divulgando o uso da língua de sinais pelo estado e incentivando a fundação de uma associação de surdos na capital anos mais tarde.

Também na primeira metade do século XX, outra instituição se destaca como a mais antiga ainda em funcionamento, fundada em Pelotas, município da região sul do estado. Sua história começou em 1940, quando Maria de Lourdes Furtado Magalhães viabilizou práticas educacionais para crianças com deficiência no formato de classe especial nas dependências da sede da Cruz Vermelha Brasileira, organização pela qual atuava como visitadora sanitária (Rosa; Ripe, 2023). Depois de

---

63 A investigação não está publicada, mas é citada em trabalhos desenvolvidos por pesquisadores surdos como Rangel (2005) e Martins (2009).

conhecer o foniatra austríaco Alfredo Dub, Magalhães fundou a Escola Especial Professor Alfredo Dub, em 1949, uma instituição filantrópica que atendia alunos com diferentes deficiências e idades. Ao longo da década de 1960, a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) se tornou mantenedora da escola. Somente na década de 1990, entretanto, passou a ser identificada como Escola Especial de Educação Bilingue Professor Alfredo Dub, dedicando-se exclusivamente à oferta do ensino fundamental para surdos (Bohm, 2018).

De volta à década de 1950, outras três escolas são registradas. A fundação da primeira, inicialmente sem identificação, é citada por volta de 1952, segundo relatos registrados por Perlin, em 1997. Ela esteve localizada na Rua Duque de Caxias, em Porto Alegre, e funcionava no lugar hoje ocupado pela Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas com Deficiência e Pessoas com Altas Habilidades no Rio Grande do Sul (Faders). Em 1962, um decreto estadual regulamentou a instituição, ficando conhecida como Escola Especial para Surdos (Perlin, 1997 *apud* Rangel, 2004). De acordo com Brizolla (2000), essa escola foi, aos poucos, desativada na medida em que seus alunos eram encaminhados para classes especiais de escolas da rede de ensino regular, de modo que, em 1973, já funcionava somente com a oferta de oficinas. Possivelmente, o projeto dessas oficinas se transformou, em 1975, no Centro de Educação Complementar para Deficientes da Audição e da Linguagem (Cecdal), que passou a funcionar na Av. Ipiranga, oferecendo, conforme Rangel (2004), aulas de reforço e terapia fonoaudiológica no contraturno das aulas frequentadas pelos alunos surdos em escolas regulares. Em 1987, o Cecdal foi renomeado como Centro de Atendimento Especializado para Deficientes da Audição (Caeda). Brizolla (2000) explica que o Caeda funcionava como uma escola desde 1989 e que, na década de 1990, oferecia escolaridade de 1<sup>a</sup> à 8<sup>a</sup> série do 1<sup>o</sup> grau com currículo especializado para alunos surdos. Assim, em 1998, o Governo do Estado reconheceu o Caeda como uma escola, a qual recebeu o nome de Escola Estadual de Ensino Médio para Surdos Professora Lilia Mazon. Até 2012, a escola esteve vinculada à já mencionada Faders, se tornando uma escola estadual a partir de 2013 (Müller, 2016) e em funcionamento até hoje. Entendemos que a história dessa instituição se mescla com a história da escola fundada em 1952.

As outras duas escolas fundadas na mesma década permanecem ativas. Uma delas, de tradição confessional, é a Escola Especial para Surdos Frei Pacífico, fundada em Porto Alegre no ano de 1956, pelos esforços de Madre Clara Maria, gaúcha nascida Morena de Azevedo e Souza, e do religioso francês Frei Pacífico de Bellevaux. Em suas primeiras décadas, a escola “trabalhava com um sistema de internato para meninas surdas que aprendiam, além da fala, bordado, culinária e cuidados da casa e de si através de cursos que ensinavam cuidados pessoais (estéticos), entre outros” (Lopes, 2002, p. 17). O ingresso de meninos surdos ocorreu mais tarde devido à carência de outras escolas de surdos na região (Lopes, 2002). Importa situar que, um ano após a fundação dessa escola, marcando o primeiro centenário do INES, foi iniciada a Campanha para a Educação do Surdo Brasileiro, a fim de “promover a educação e a assistência aos deficientes da audição e da fala, em todo o Brasil, formando professores especializados que atuariam nas futuras escolas abertas para o atendimento aos alunos surdos” (Rocha, 2008, p. 93).

Essa campanha constituiu uma política nacional de educação de surdos, o que possibilitou o crescimento de ações governamentais para criação de novas escolas públicas para surdos e transformação de instituições filantrópicas em escolas municipais ou estaduais de surdos. É o caso do que ocorreu em Bagé, município da região da Campanha Gaúcha, localizado no sudoeste do Rio Grande do Sul, na divisa com o Uruguai. Narrativas de docentes<sup>64</sup> mencionam a fundação da Escola de Surdos Mudos de Bagé, em 1958. Essa instituição se confunde, em outros relatos, com a fundação da Escola de Educação Especial Caminho da Luz, em 1959. Tratava-se de uma instituição filantrópica, sem fins lucrativos, que funcionava nas dependências de um centro espírita da cidade. Na década de 1960, o Governo do Estado a transformou em uma escola pública e, na década seguinte, devido a dificuldades quanto ao espaço físico, virou uma classe especial para surdos na Escola Estadual Monsenhor Constabile Hipólito. Na década de 1980, os alunos surdos voltaram a ser atendidos pela escola mantida pelo centro espírita que, segundo Silva (2023), por muitos anos, foi responsável pela oferta de séries iniciais do ensino fundamental

---

<sup>64</sup> As narrativas docentes têm sido geradas no âmbito do projeto de pesquisa em andamento *Língua Brasileira de Sinais no Rio Grande do Sul*, coordenado por Daiana San Martins Goulart na UFPel.

às crianças surdas da região. A escola Caminho da Luz permanece em funcionamento, mas não possui mais alunos surdos que, a partir de 2002, começaram a frequentar a Escola de Ensino Fundamental Jean Piaget. Desde 2018, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Fundação Bidart passou a abrigar uma escola polo para surdos em Bagé (Silva, 2023).

De volta à década de 1950, registra-se a concretização da primeira associação de surdos no estado. Conforme Rangel (2005), a história dessa associação está relacionada com a visita do surdo catarinense Francisco de Lima Júnior a Porto Alegre. Ele havia estudado no INES com o já mencionado Ney Olmedo e, juntos, frequentaram uma associação no Rio de Janeiro. No centro da capital gaúcha, Francisco encontrou outro colega dos tempos do Instituto, David Bastiani Filho, considerado o primeiro professor surdo do Rio Grande do Sul. Ao saber que ainda não havia uma associação no estado, Francisco procurou pela liderança surda regional e foi apresentado para Salomão Watnick, que veio a fundar, então, a Associação de Surdos-Mudos do Rio Grande do Sul, em 1955 (Rangel, 2004).

Em 1959, uma das culminâncias da Campanha para a Educação do Surdo Brasileiro foi a 1ª Conferência Nacional de Professores de Surdos, organizada pelo INES. Nos anais do evento, registra-se a presença de Yvonne Ellwanger Moglié, identificada como professora de surdos da cidade de Porto Alegre e autora de uma conferência. O texto da conferência de Moglié nos anais não destaca aspectos técnicos ou pedagógicos sobre a educação de surdos, mas “expõe, por meio de seu discurso, um caráter religioso, baseado em como manter o surdo atrelado aos saberes da Igreja Católica” (Seixas, 2015, p. 103). Não identificamos a filiação institucional de Moglié, mas encontramos um texto de um livro espírita<sup>65</sup> que menciona sua vida em função de crianças com deficiência.

Na década de 1960, mais três escolas foram criadas no Rio Grande do Sul, duas em funcionamento até hoje. A Escola Municipal de Surdos-Mudos — que, mais tarde, se tornou a Escola Especial Municipal Helen Keller — foi fundada em Caxias do Sul, município da Serra Gaúcha, em 1960. Segundo Dall’Alba (2020), trata-se de uma conquista de famílias com filhos surdos que reivindicavam escolarização para as crianças na

---

65 Trata-se do livro *Adeus solidão*, que reúne textos psicografados por Francisco Cândido Xavier.



região. Até meados da década de 1980, a instituição funcionou como um centro de reabilitação e oferta de oficinas para aprendizagem de ofícios manuais como marcenaria e metalurgia. Em 1986, Tibiriçá Vianna Maineri se tornou o primeiro professor surdo dessa escola, o que marca uma incorporação de práticas educacionais em língua de sinais em sua proposta pedagógica. Em colaboração com outras pessoas, Tibiriçá fundou a Sociedade dos Surdos de Caxias do Sul, que possui uma estreita relação com a Escola Helen Keller, contribuindo com a proposta de educação bilíngue na cidade (Neves, 2011).

Na região metropolitana de Porto Alegre, no município de Esteio, a Escola Municipal Oswaldo Aranha foi fundada em 1960 e funcionou como uma escola para surdos nas dependências da Escola Municipal Vitorina Fabre. Essa escola contava apenas com uma turma de jardim de infância conduzida por Eva Karnal Johann, esposa do prefeito da cidade e mãe de um menino surdo. Em 1962, conforme Martins (2009), o estado assumiu a responsabilidade pela educação de surdos nesse município e fundou a Escola Especial de Surdos, que passou a funcionar junto à Escola Estadual Bernardo Vieira de Melo. Em 1965, a instituição se tornou Escola Especial Padre Reus e contou com autorização municipal para a construção do seu próprio prédio onde funciona até hoje como Escola Estadual Especial Padre Reus, ofertando educação básica completa<sup>66</sup>.

A terceira instituição foi fundada, em 1966, na capital Porto Alegre, inicialmente como Centro Educacional para Deficientes Auditivos (Ceda). Como funcionava no Seminário Concórdia da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, anos depois, passou a se chamar Escola Especial Concórdia. De acordo com Goulart (2023), a partir de 1984, a escola foi transferida para o bairro Jardim Ipiranga e sua fundação foi uma iniciativa da família Warth, especialmente da Prof.<sup>a</sup> Naomi Warth, que teve contato com a língua de sinais americana quando morou nos Estados Unidos. Ao retornar ao Brasil, ela decidiu ministrar aulas de ensino religioso para três crianças surdas, irmãs de uma aluna sua de outra escola da rede luterana.

---

66 Encontramos uma referência à monografia de Marco Aurélio Souza (2008), que não tivemos acesso e não está disponível em repositório digital. Algumas informações sobre a instituição foram informadas por Luciana da Aparecida Soares Meira, professora da Escola Padre Reus, com base em reportagem publicada na edição de 30 de abril de 2011 do jornal VS Esteio.

A Escola Especial Concórdia funcionou até 2020 e foi encerrada devido a problemas financeiros enfrentados pela sua mantenedora. Seu fim gerou grande comoção da comunidade surda no estado e pelo país.

A partir da década de 1980, ideias sobre o bilinguismo de surdos começaram a circular pelo estado. Discussões sobre esse assunto, segundo Marostega (2015), tornaram-se mais intensas com a IX Jornada Sul-riograndense de Educadores de Deficientes da Audiocomunicação, realizada em 1988, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Após o evento, “professores de surdos do Rio Grande do Sul manifestaram-se majoritariamente favoráveis ao bilinguismo, considerando-o a metodologia mais adequada à educação de surdos” (Marostega, 2015, p. 30). Dois anos antes, no município de Santa Rosa, na região das Missões, no noroeste do estado, foi fundada a Escola de Ensino Médio Concórdia para Surdos. Sua criação, conforme Beras (2019), é fruto de uma articulação entre membros da comunidade luterana da cidade, da prefeitura e de voluntários para fundação da Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos (Apada), que é a mantenedora da escola. Segundo dados apontados no site da instituição, a formação pedagógica e linguística dos primeiros docentes que nela atuaram foi em parceria com a Escola Especial Concórdia de Porto Alegre. De volta a 1988, mais uma escola de surdos foi fundada no município de Novo Hamburgo, na região metropolitana de Porto Alegre. Sua história, entretanto, começou em 1973, como uma classe especial conduzida pela Prof.<sup>a</sup> Joana Anacleto Kunzler na Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Otávio Rosa (Silva, 2019). Depois de muitas mudanças da sede como classe especial, em 1988, a instituição foi reconhecida como Escola Estadual de 1º Grau Incompleto para Educação Especial e, em 1990, teve o prédio próprio para o seu funcionamento inaugurado, onde permanece até hoje. A partir de 1993, tornou-se Escola Estadual Especial para Surdos Keli Meise Machado, em homenagem a uma aluna falecida (Silva, 2019).

Também nos anos de 1980, os irmãos Jeferson e Wilson Miranda se tornaram importantes referências surdas ao ingressarem em uma universidade federal para cursar Educação Física. De acordo com Rangel e Franco (2013), os irmãos frequentaram a associação de surdos de Porto Alegre, o que os mobilizou para fundar a Associação de Surdos de Santa Maria (ASSM). Localizada no município da região central do

estado, essa associação foi essencial para a fundação da Escola Estadual de Educação Especial Doutor Reinaldo Fernando Cóser, em 1998. A instituição recebeu o nome do médico que se tornou o primeiro professor de otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina de Santa Maria. A ASSM “manifestava constantemente o interesse em criar uma escola de surdos, um espaço de uso da língua de sinais e de vivência da cultura surda” (Job, 2022, p. 33). Docentes atuantes em uma classe especial de surdos em outra escola, bem como do curso de Educação Especial da UFSM se uniram à comunidade surda nessas mobilizações. Depois da fundação, Jeferson Miranda foi diretor da Escola Reinaldo Cóser. As ações dos irmãos Miranda, conforme Lara (2021, p. 103), não apenas “se reforçam nas posições que eles ocupam como representantes dos surdos, mas também na atenção que prestavam em relação às necessidades, dilemas, dificuldades, domínios e lutas de seu povo”.

No decurso da década de 1990, emergiu a necessidade de discutir sobre formação em educação de surdos, bem como em interpretação de língua de sinais. Assim, surdos gaúchos, “em parceria com pesquisadores da área da Educação de Surdos, mobilizaram-se e engajaram-se nas lutas que, naquele momento, privilegiavam a necessidade de reconhecimento da língua de sinais como primeira língua dos surdos” (Thoma; Klein, 2010, p. 110). Nesse contexto, Lopes (2017) destaca que uma relação político-acadêmica começou a se estabelecer entre o movimento surdo e pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Um efeito dessa relação é a criação do extinto Núcleo de Pesquisas em Políticas Educacionais para Surdos (Nuppes), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS e coordenado pelo professor argentino Carlos Skliar, que havia sido convidado como professor visitante. A presença de Skliar e a constituição do Nuppes possibilitaram a organização de eventos dentro e fora da UFRGS, cursos de formação e publicações referenciadas até hoje como o livro *A surdez: um olhar sobre as diferenças*, organizado por ele. Além da produção acadêmica, a relação entre Nuppes e movimento surdo oportunizou cursos e capacitações em língua de sinais, aproximando universidade e comunidade surda. Nesse período, mais uma escola de surdos nasceu no estado. Em 1996, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Bilíngue para Surdos é fundada em Gravataí, município da

região metropolitana de Porto Alegre. Não localizamos produções que fornecessem informações sobre a história dessa instituição de Gravataí, embora alguns estudos já tenham sido realizados nela.

A estreita relação entre o Nuppes e o escritório regional da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis/RS) também possibilitou um lugar aos representantes surdos nas discussões em torno dessas ações, que se tornaram cada vez mais presentes para expressar suas experiências, críticas e expectativas em ambientes políticos e acadêmicos. Segundo Braga (2006), essa parceria, além de viabilizar a participação surda, produziu um espaço de legitimação dos interesses da comunidade surda em uma articulação entre universidade, escolas e movimento social. Um destaque para isso é a solicitação feita por Gladis Perlin à UFRGS, em 1997, quando era estudante do curso de mestrado em Educação. De acordo com Pokorski (2020), Perlin solicitou que o português fosse considerado sua língua adicional em uma época em que a Libras não havia sido legalmente reconhecida no país. A Lei Municipal nº 7.857/1996, entretanto, já instituía a língua de sinais dos surdos no Município de Porto Alegre. Considerando sua primeira língua, o parecer da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFRGS foi favorável ao pedido de Perlin, que recebeu autorização para apresentar certificado de proficiência em português como língua estrangeira.

A façanha de abrir brechas para a entrada da língua de sinais na pós-graduação se somou às lutas pelo provimento de interpretação dessa língua em diferentes espaços. A oferta de formação para intérpretes no estado, segundo Quadros (2004), começou por meio de cursos organizados pela parceria entre a Feneis-RS e a UFRGS, em 1997. Conforme a autora, o Rio Grande do Sul apresenta um histórico interessante no sentido de organização da categoria profissional de intérpretes de Libras, visto que, desde 1998, eram “realizados encontros sistemáticos para discussão sobre a qualidade da interpretação e sobre os princípios éticos” (Quadros, 2004, p. 41). Essas conquistas foram decisivas para que a importância da interpretação nos espaços acadêmicos chegasse às escolas.

No apagar das luzes do século XX, Porto Alegre também se destacou por sediar o Pré-Congresso e o V Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue para Surdos em 1999, sob organização do Nuppes.

Os eventos lotaram o Salão de Atos da UFRGS e foram cruciais para a elaboração da carta-aberta *A educação que nós surdos queremos*, que teve grande impacto no movimento surdo em todo território nacional. Esse documento teve ampla repercussão na educação de surdos, considerando que foi construído por surdos e apontava diretrizes para a consolidação de uma educação bilíngue no país. Segundo Lara e Messa (2022), além de conter orientações sobre como os surdos desejavam ser narrados, o documento elenca, em seus 147 artigos, necessidades para a instauração de políticas e práticas educacionais, bem como para a legitimação da língua de sinais no país e atuação de professores surdos e intérpretes.

A partir do século XXI, muitos surdos se sentiram motivados a ingressar nos cursos de Pedagogia e outros eventos começaram a tematizar a cultura surda nas práticas pedagógicas. Um deles foi o seminário *Surdos: um olhar sobre as práticas de educação*, realizado na Universidade de Caxias do Sul, em 2001. O evento reuniu professores e pesquisadores surdos de diferentes cidades do estado e do país. A Libras foi a língua oficial do evento e não havia interpretação para o português, o que gerou protestos por parte de ouvintes que não sabiam língua de sinais.

Nos anos seguintes, mais quatro iniciativas escolares. Uma delas é a fundação da Escola Municipal de Ensino Fundamental Bilíngue para Surdos Vitória, em 2003, em Canoas, município que faz divisa com Porto Alegre. Antes disso, segundo Silva (2003), os surdos da cidade frequentavam classes especiais em escolas regulares desde 1984. Na década de 1990, uma mobilização de pais, alunos e adultos surdos, bem como de professoras defensoras do bilinguismo reivindicava a criação de uma escola de surdos no município. O nome da instituição foi escolhido como símbolo da conquista por meio dessa luta (Silva, 2003). A segunda iniciativa é fruto de mobilizações da comunidade surda da capital que, de acordo com Caldas (2016), reivindicava condições para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) surdos no município junto ao Orçamento Participativo (OP) de Porto Alegre. Inicialmente, esses esforços possibilitaram a oferta de uma turma de surdos no Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores (CMET), em 1998. No ano seguinte, o CMET já contava com mais de 40 alunos surdos. Em 2008, como conquista da comunidade surda no OP, foi aberta a Escola Municipal de Ensino Fundamental de Surdos Bilíngue Salomão Watnick, que passou a oferecer EJA a partir de 2013. O nome da escola

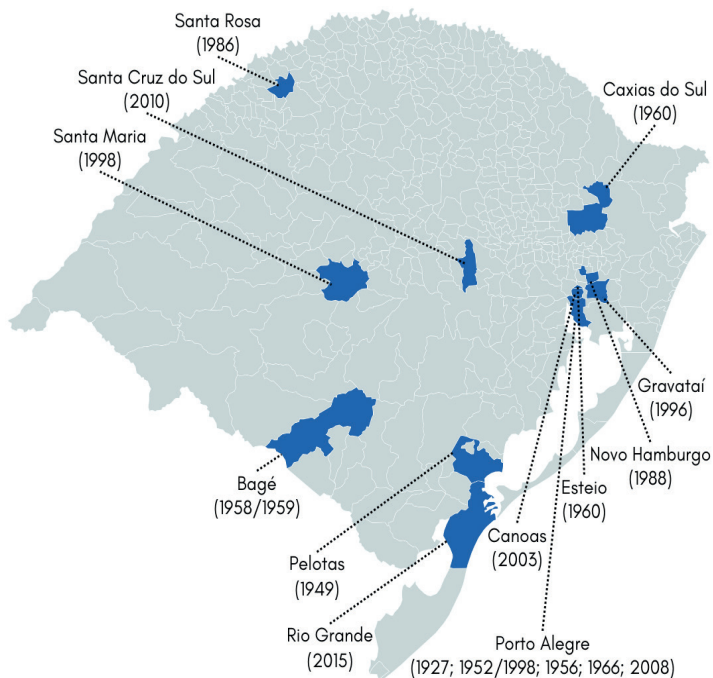
foi escolhido pelo professor surdo Walter Ferraz, visto que relembrar “um nome importante na homenagem significa tornar presente a história dos surdos” (Caldas, 2016, p. 52).

A terceira iniciativa está localizada em Santa Cruz do Sul, na região central do estado, e diz respeito à Escola Estadual de Ensino Médio Nossa Senhora do Rosário. Embora não se trate de uma escola de surdos, essa instituição conta com classes bilíngues de surdos desde 2010. Antes disso, contudo, a educação de surdos no município era confiada a classes especiais na Escola Estadual de Ensino Fundamental Gaspar Bartholomay, que recebia alunos surdos de diferentes municípios da região do Vale do Rio Pardo (Bertó, 2009). Não localizamos informações sobre o início da educação de surdos na Escola Bartholomay, mas consideramos importante incluir essas duas instituições em nosso mapeamento pela importância que essa iniciativa tem para a comunidade surda da região de Santa Cruz do Sul.

A iniciativa mais recente aconteceu em 2015, no município de Rio Grande, localizado no litoral sul do estado. Trata-se da fundação da Escola Municipal de Educação Bilíngue Professora Carmen Regina Teixeira Baldino que, de acordo com Duarte (2019), foi idealizada em 2004, durante uma edição do curso de formação ofertado pelo Nuppes. Antes disso, os surdos estudavam em classes especiais em uma escola estadual de ensino regular nesse município (Duarte, 2019). A instituição acabou levando o nome de uma das professoras que atuou ativamente na luta para a criação da escola e veio a falecer um ano antes de sua fundação.

Com base nesse mapeamento das iniciativas de educação de surdos que descrevemos até aqui, elaboramos uma figura que possibilita visualizar a distribuição da emergência de escolas de surdos pelo estado:

**Figura 1** – Distribuição da emergência de escolas de surdos pelo Rio Grande do Sul (1927–2015)



**Fonte:** elaborada pelos autores (2024).

Temos ciência que a educação de surdos não ocorreu, nem ocorre somente nas instituições que destacamos. Sabemos, contudo, que essas escolas marcam a memória de alunos e professores da educação de surdos em nosso estado e constituem um símbolo da resistência surda por uma educação que valorize as especificidades linguísticas e culturais das pessoas surdas. É importante ressaltar que, a partir de 2006, o Gipes deu início a um grande projeto de pesquisa em parceria com a Feneis-RS, para conhecer as condições educacionais e linguísticas dos surdos no Rio Grande do Sul. No mapeamento feito pelo grupo, foram identificadas 248 escolas com matrículas de alunos surdos, sendo que, em 76% destas, os surdos estavam em turmas regulares; 19% delas contavam com classes específicas para surdos; e 5% das instituições eram escolas de surdos (Gipes, 2009).

Na esteira de compreender a constituição da escola de surdos — que,

ao longo deste capítulo evidenciamos estar tão marcadamente presente na história da educação de surdos no Rio Grande do Sul —, Moraes (2021, p. 126) propõe olhá-la “não como a escola da comunidade, mas como a escola que, sim, é fruto das reivindicações da comunidade surda, que é o local por excelência que vai oportunizar que os surdos tenham o encontro com o mundo, com o comum”. Com esse entendimento, encaminhamos a discussão para fechamento deste capítulo.

## Considerações finais

*O passado não reconhece o seu lugar:  
está sempre presente.  
(Mario Quintana)*

Assim como o poeta gaúcho, reconhecemos o lugar ocupado pelo passado na consolidação do que dispomos hoje em termos de educação de surdos. São lutas travadas em um cenário de conflitos culturais, linguísticos e identitários, na busca pela representatividade da diferença e de condições dignas para a vida em sociedade. Entendemos que os movimentos gaúchos na direção de criação e estabelecimento de escolas de surdos; na luta pelo reconhecimento da língua de sinais como uma língua dos surdos; na fundação de associações de surdos; na produção de pesquisas e no oferecimento de formações para professores e intérpretes refletem e impactam o cenário nacional da educação de surdos.

Neste capítulo, como já dito, intencionamos historicizar a educação de surdos no Rio Grande do Sul. Esperamos ter conseguido oferecer inteligibilidade sobre os modos como a educação de surdos emergiu, cresceu e se consolidou em nosso estado. Na medida em que alinhávamos os fios de memórias, tecendo essa trama histórica, percebemos que a educação de surdos no estado gaúcho se forjou por meio de muito esforço coletivo no campo das disputas políticas, um esforço alicerçado pelo encontro entre saberes surdos e o conhecimento construído nas universidades pela via da pesquisa.

Para possíveis novos estudos que merecem ser desenvolvidos, destacamos que história de cada uma das instituições aqui apresentadas pode ser esmiuçada; que os atravessamentos discursivos sobre as práticas estabelecidas nessas instituições pode ser melhor explicitado; e que as histórias das pessoas surdas e ouvintes que protagonizaram a construção



do movimento no estado podem ser aprofundadas. Encerramos este texto motivados a desfiar essa trama, tornando mais explícitas as nuances, os contornos e os detalhes sobre as pessoas surdas e ouvintes que possibilitaram essa história.

## Referências

BERAS, Júlia Jost. *A política de educação bilíngue na produção dos discursos curriculares em escolas de surdos*. 2019. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

BERTÓ, Suzana de Fátima Fardin. *A complexificação do leitor/escritor surdo – implicações cognitivo-ontológicas*. 2009. 127 f. Dissertação (Mestrado em Leitura e Cognição) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2009.

BOHM, Fabiane Carvalho. *Multiplificação: ensinar e aprender em turmas de alunos surdos do ensino fundamental na Escola Especial Professor Alfredo Dub*. 2018. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

BRAGA, Rosa Maria da Cruz. *Para além do silêncio: outros olhares sobre a surdez e a educação de surdos*. 2006. 93 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, 2006.

BRIZOLLA, Francéli. *Educação especial no Rio Grande do Sul: análise de um recorte no campo das políticas públicas*. 2000. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

CALDAS, Ana Luiza Paganelli. Narrativas de professores de surdos sobre a EJA no município de Porto Alegre/RS. *Cadernos de Pesquisa*, São Luís, v. 23, n. 2, p. 46–57, 2016.

DALL'ALBA, Carilissa. *Políticas públicas da Escola Helen Keller: implementação da Libras, documentos e narrativas*. 2020. 230 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

DUARTE, Maria Auxiliadora Terra. *Escola Municipal de Educação Bilíngue Profa. Carmen Regina Teixeira Baldino: do sonho à realidade, uma escola bilíngue para surdos do Rio Grande*. 2019. 26 f. Trabalho de Conclusão

de Curso (Especialização em Educação de Surdos) – Universidade Federal de Pelotas, 2019.

GABE, Neoli Paulina da Silva; MATHIAS, Carmen Vieira. Constituição e atravessamentos de uma escola referência em educação bilíngue para surdos. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 33, p. 1–20, 2020.

GIPES. *A educação de surdos no Rio Grande do Sul I*. Relatório de pesquisa. São Leopoldo: Unisinos, 2009.

GOULART, Daiana San Martins. *Tecendo histórias sobre a profissão: tradutores e intérpretes de Libras no Rio Grande do Sul*. 2023. 407 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, 2023.

JOB, Raquel Santos Pereira. *A criança surda e a escola bilíngue: discursividades sobre a infância surda*. 2022. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2022.

KRAEMER, Graciele Marjana; LOPES, Luciane Bresciani; WITCHS, Pedro Henrique. Produção acadêmica do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos [Brasil, 2006–2020]. *Textura*, Canoas, v. 24, n. 59, p. 172–205, 2022.

LANE, Harlan. *A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada*. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

LARA, Ana Paula Gomes. *Experiências de protagonismo surdo*. 2021. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rios dos Sinos, São Leopoldo, 2021.

LARA, Ana Paula Gomes; MESSA, Roberta dos Santos. Movimentos surdos e práticas em ação, aprendendo com as trajetórias e com as lutas. *Revista Espaço*, Rio de Janeiro, n. 57, p. 131–143, 2022.

LOPES, Luciane Bresciani. *Emergência dos estudos surdos em educação no Brasil*. 2017. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

LOPES, Maura Corcini. *Foto & grafias: possibilidades de leitura dos surdos e da surdez na escola de surdos*. 2002. 203 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

MAROSTEGA, Vera Lucia. *Os currículos de formação de professores para*

*surdos na UFSM: a educação especial como campo de saber (1962–2009)*. 2015. 174 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.

MARTINS, Carlos Roberto. *O componente curricular Libras na percepção das acadêmicas dos cursos de Pedagogia e Psicopedagogia do Unilasalle – Canoas/RS*. 2009. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro Universitário La Salle, Canoas, 2009.

MELLO, Vanessa Scheid Santana de. *A constituição da comunidade surda no espaço da escola: fronteiras nas formas de ser surdo*. 2011. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011.

MORAES, Violeta Porto. *A possibilidade da escola de surdos: a defesa da escola para o encontro com o mundo*. 2021. 188 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

MÜLLER, Janete Inês. *Língua portuguesa na educação bilíngue de surdos*. 2016. 295 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

NEVES, Gabriele Vieira. *Educação de surdos em Caxias do Sul de 1960 a 2010: uma história escrita por várias mãos*. 2011. 197 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação de Educação, Universidade de Caixas do Sul, Caxias do Sul, 2011.

POKORSKI, Juliana de Oliveira. *Narrativas surdas de percursos acadêmicos*. 2020. 310 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

QUADROS, Ronice Müller de. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

RANGEL, Gisele Maciel Monteiro. *História do povo surdo em Porto Alegre: imagens e sinais de uma trajetória cultural*. 2004. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

RANGEL, Gisele Maciel Monteiro; FRANCO, Marco Aurélio Rocha Di. A história dos surdos gaúchos contada pelas fotografias: um olhar sobre política, educação e recreação. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE HISTÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL DOS POVOS SURDOS, 3, 2013, Natal. *Anais* [...]. Natal: Cefop; Asnat; APILRN, 2013.

ROCHA, Solange Maria da. *O INES e a educação de surdos no Brasil: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos*. 2. ed. Rio de Janeiro: INES, 2008.

ROSA, Rafael Santos da; RIPE, Fernando. Cruz Vermelha: uma instituição humanitária internacional criadora de uma classe especial em Pelotas-RS (1940–1949). In: ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 25, 2023, Pelotas. *Anais [...]*. Pelotas: UFPel, 2023.

SEIXAS, Catharine Prata. *O Instituto Nacional de Educação de Surdos e a formação de professores para surdos em Sergipe (1959–1961)*. 2015. 210 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

SILVA, Adriana Martins da. *A atuação do tradutor e intérprete de língua de sinais no processo de ensino-aprendizagem de estudantes surdos em contexto escolar inclusivo: desafios, barreiras e alternativas pedagógicas*. 2023. 124 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Programa de Pós-Graduação em Ensino, Universidade Federal do Pampa, Bagé, 2023.

SILVA, Claudionir Borges da. *Cenário armado, objetos situados: o ensino de geografia na educação de surdos*. 2003. 244 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SILVA, Laionel Mattos da. Ensino de história para os surdos: um estudo de caso na Escola Especial Keli Meise Machado. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 30, 2019, Recife. *Anais [...]*. Recife: Anpuh, 2019.

SOUZA, Marco Aurélio. *A trajetória da Escola Padre Reus – Educação de surdos: do oralismo ao bilinguismo*. 2008. Monografia (Especialização em Educação Especial) – Universidade La Salle, Canoas, 2008.

THOMA, Adriana da Silva; KLEIN, Madalena. Experiências educacionais, movimentos e lutas surdas como condições de possibilidade para uma educação de surdos no Brasil. *Cadernos de Educação*, Pelotas, n. 36, p. 107–131, 2010.



# POSFÁCIO

---

Após a leitura deste volume sobre a história da educação de surdos na Região Sul do Brasil, sinto-me como se estivesse retornando a esses estados onde fui formada e atuei ao longo da minha vida profissional.

O livro ilustra os movimentos sociais surdos que abrangem as diversas trajetórias da educação de surdos no Sul do país. No Rio Grande do Sul, observamos uma rica história com várias escolas para surdos que resistem às mudanças nas políticas educacionais, mantendo-se abertas com propostas educacionais bilíngues fundamentadas nos estudos surdos.

Por outro lado, em Santa Catarina, as escolas de surdos foram fechadas há mais de 30 anos, mas o estado conta com diversas associações de surdos que servem como espaços de sobrevivência para as comunidades surdas catarinenses. Também nesse estado, assim como no Paraná, encontramos um percurso histórico que começou com surdos que estudaram no Instituto Nacional de Educação de Surdos no século passado, deixando um legado que deu origem a propostas de educação de surdos.

A educação de surdos no Sul do Brasil reflete as diferenças nas políticas de educação de surdos entre os estados brasileiros. A situação observada na Região Sul evidencia a ausência de uma proposta nacional de educação sólida para surdos, já que cada estado conduz sua educação à sua maneira. Enquanto um estado luta para manter suas escolas de surdos, outro fecha todas as instituições, e ainda há aqueles que adotam propostas mistas. Além disso, nota-se uma diversidade nas formas de organização das comunidades surdas em cada estado, o que talvez tenha influenciado as políticas de implementação da educação de surdos.

A história de cada estado destaca a importância da articulação dos movimentos sociais surdos no Brasil e sua contribuição para a educação de surdos.

A partir de publicações como esta, temos referências valiosas para refletir e repensar as políticas de educação de surdos no Brasil a partir das

particularidades de cada estado, utilizando as escolas de surdos como base para a educação que os surdos desejam construir em nosso país.

*Ronice Müller de Quadros*<sup>67</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina

---

<sup>67</sup> Ronice Müller de Quadros é professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina desde 2002. Pesquisadora do CNPQ - PQ1B(2006-atual), com pesquisas relacionadas ao estudo das línguas de sinais. Pedagoga (1992), Mestre (1995) e Doutora (1999) em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com estágio por 18 meses na University of Connecticut (1997-1998) com pesquisas voltadas para a gramática da Libras e a aquisição da Libras. Pós-doutora pela Gallaudet University e University of Connecticut (2009-2010) com pesquisas relacionadas ao desenvolvimento bilíngue bimodal (crianças usuárias de Libras e Português e crianças usuárias de ASL e Inglês), com financiamento da NIH e do CNPQ (2009-2014); pós-doutora na Harvard University com pesquisas com as línguas de bilíngues bimodais (Libras e Português e ASL e Inglês), com financiamento do CNPQ (2015-2016) e pós-doutora na Humboldt Universität, em Berlin, Alemanha (2020-2021) com pesquisas sobre a gramática da Libras e a língua de sinais internacional (IntSL). E-mail: ronice.quadros@ufsc.br.

# ÍNDICE REMISSIVO E ONOMÁSTICO

---

## A

- Alfredo Dub 58, 61, 72  
ALPAS - Associação Lagunense de Pais, Amigos e Surdos 43  
APADAVIX - Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos e Visuais de Xanxerê 42  
Arthur de Loyola Pinho 23, 29, 33  
ASBAC - Associação de Surdos de Balneário Camboriú 43  
ASBLU - Associação dos Surdos de Blumenau 43  
ASBRU - Associação de Surdos de Brusque 43  
ASC - Associação dos Surdos de Criciúma 43  
ASCHA - Associação de Surdo de Chapecó 43  
ASCJ - Associação da Comunidade Surda de Joinville 43  
ASESC - Associação dos Surdos do Extremo Sul Catarinense 42  
ASGF - Associação de Surdos da Grande Florianópolis 43  
ASJS - Associação dos Surdos de Jaraguá do Sul 43  
ASL - Associação dos Surdos de Lages 42, 78  
ASPA - Associação dos Surdos de Palhoça 43  
ASPUVA - Associação de Surdos de Porto União da Vitória 43, 48

## B

- Bilíngue 15, 49, 64, 68, 72, 73, 74, 78

## D

- David Battastini Filho 40

## E

- Edouard Huet 10, 20  
Educação bilíngue 64, 68, 72, 73, 74  
Educação de surdos 9, 10, 11, 12, 15, 17, 18, 19, 21, 22, 32, 34, 35, 46, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 77  
Educação de surdos 74, 75  
Elvira de Loyola Pinho 31, 32  
Escola de Educação Especial Caminho da Luz 59, 62  
Escola de Ensino Médio Concórdia para Surdos 59, 65  
Escola de surdos 15, 16, 31, 32, 34, 58, 59, 60, 65, 66, 68, 69, 70, 73, 74



Escola de Surdos Mudos de Bagé 59, 62  
Escola Especial Concórdia 59, 64, 65  
Escola Especial de Educação Bilíngue Prof. Alfredo Dub 58  
Escola Especial de Surdos 58, 64  
Escola Especial Municipal Helen Keller 59, 63  
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico 59, 62  
Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Cóser 59  
Escola Estadual de Ensino Fundamental Gaspar Bartholomay 59, 69  
Escola Estadual de Ensino Médio Nossa Senhora do Rosário 59, 69  
Escola Estadual de Ensino Médio para Surdos Profa. Lilia Mazon 58  
Escola Estadual Especial Padre Reus 59, 64  
Escola Estadual Especial para Surdos Keli Meise Machado 59, 65  
Escola Municipal de Educação Bilíngue Profa. Carmen Regina Teixeira Baldino 59, 72  
Escola Municipal de Ensino Fundamental Bilíngue para Surdos 59, 66, 68  
Escola Municipal de Ensino Fundamental Bilíngue para Surdos Vitória 59, 68  
Escola Municipal de Ensino Fundamental de Surdos Bilíngue Salomão Watnick 59, 68

## F

FENEIS 15, 16  
Ferdinand Berthier 42, 51  
Francisco Lima Junior 37, 38  
Frei Pacífico de Bellevaux 62

## I

INES 10, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 29, 33, 34, 35, 40, 58, 60, 62, 63, 75  
Instituto Ipiranga 58, 60

## J

João Pereira de Malheiros 23, 24, 25, 27, 28, 29  
José Pereira de Malheiros 23, 24, 25, 28

## L

Libras 12, 13, 15, 16, 17, 45, 46, 47, 49, 50, 55, 57, 67, 68, 72, 73, 74, 78

## M

Madre Clara Maria 62  
Milão 19

## N

Ney Olmedo 60, 63

## S

Salomão Watnick 40, 41, 59, 63, 68

Século XIX 9, 10, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 29, 33, 34

Sociedade de Surdos de São José 43

## T

Tibiriçá Vianna Maineri 64

Tobias Leite 18, 25, 26, 27, 28, 30

## W

Wilson Miranda 65

